



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
CAMPUS DO SERTÃO  
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

CRISTINA RODRIGUES SILVA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A IMPORTÂNCIA PARA A IDENTIFICAÇÃO  
COM A PROFISSÃO DOCENTE NO CURSO DE LICENCIATURA EM  
GEOGRAFIA**

Delmiro Gouveia/AL

2024

Cristina Rodrigues Silva

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A IMPORTÂNCIA PARA A IDENTIFICAÇÃO  
COM A PROFISSÃO DOCENTE NO CURSO DE LICENCIATURA EM  
GEOGRAFIA**

**Trabalho de Conclusão de Curso submetido  
à banca examinadora do curso de Geografia  
da Universidade Federal de Alagoas e  
aprovado em 22 de novembro de 2024.**

Orientador: Prof. Leônidas de Santana  
Marques

Delmiro Gouveia/AL

2024

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586e Silva, Cristina Rodrigues

Estágio supervisionado: a importância para a identificação com a profissão docente no curso de Licenciatura em Geografia / Cristina Rodrigues Silva. - 2024.

65 f. : il.

Orientação: Leônidas de Santana Marques.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Ensino de Geografia. 2. Formação docente. 3. Estágio supervisionado. 4. Ensino e aprendizagem. I.Marques, Leônidas de Santana, orient. II.Título.

CDU: 37.091.33:911

## Folha de Aprovação

CRISTINA RODRIGUES SILVA

### ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A IMPORTÂNCIA PARA A IDENTIFICAÇÃO COM A PROFISSÃO DOCENTE NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**Trabalho de Conclusão de Curso submetido  
à banca examinadora do curso de Geografia  
da Universidade Federal de Alagoas e  
aprovado em 22 de novembro de 2024.**

Documento assinado digitalmente  
 LEONIDAS DE SANTANA MARQUES  
Data: 23/11/2024 14:19:05-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador: Prof. Leônidas de Santana Marques

---

**(Orientador(a) - Doutor, Leônidas de Santana Marques, UFAL Campus Sertão)**

**Banca examinadora:**

Documento assinado digitalmente  
 MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS SANTOS  
Data: 26/11/2024 14:31:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**(Examinador(a) Externo(a) - Doutora, Maria Francineila Pinheiro Dos Santos, UFAL -  
IGDEMA**

Documento assinado digitalmente  
 ANA CRISTINA CONCEICAO SANTOS  
Data: 23/11/2024 15:52:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**(Examinador(a) Interno(a) - Doutora, Ana Cristina Conceição Santos, UFAL - Campus  
Sertão)**

**Dedico este trabalho à minha versão mais jovem, que, incentivada pela minha avó, acreditou que estudar e buscar uma formação superior, seria possível e relevante.**

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço inicialmente a minha versão mais jovem, uma menina sonhadora, agradeço pela coragem e determinação que cultivou desde cedo. Este é o resultado de um sonho que começou com um simples incentivo e cresceu com cada passo, erro, e conquista ao longo do caminho.**

**Agradeço ao professor Dr. Leônidas por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. Agradeço especialmente às professoras Dras. Ana Cristina e Maria Francineila por terem aceitado o convite de participar da minha banca examinadora. Agradeço pela confiança, pela atenção dedicada à minha pesquisa e pelas valiosas sugestões que tornaram este trabalho ainda mais consistente e relevante.**

**Agradeço à Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.**

**Agradeço a minha avó por ter sido uma mulher a frente do seu tempo, me incentivou a estudar, buscar uma formação superior para ter minha independência, que, com suas palavras e ensinamentos, plantou em mim a vontade de aprender e me tornar quem sou hoje.**

**Agradeço aos meus amigos (Lara, Junior Jucá, Vitória e Giselda que conheci na faculdade e estou levando para a vida, por cada momento em que vivemos nesses 5 anos. Agradeço em especial ao meu amigo e dupla Alexandre Marques, que se tornou meu melhor amigo na faculdade e na vida.**

**Agradeço a uma das pessoas mais importantes dos meus dias, a minha amada (Amanda Duarte) por cada passo que demos juntas e por todo suporte, carinho e incentivo durante a escrita deste trabalho.**

**Agradeço aos meus colegas de turma, por esses anos vivenciados em conjunto, pelas conversas.**

**Agradeço a minha família que em muitos momentos forneceu o suporte necessário para iniciar e continuar na graduação. Em especial ao meu irmão caçula por tudo que fez por mim nesse anos, todo apoio, atenção, carinho e cuidado.**

## RESUMO

O estágio supervisionado é uma etapa fundamental na formação de professores, pois permite que os estudantes vivam a realidade da sala de aula e se familiarizem com os desafios e práticas do ensino. Neste contexto, a presente pesquisa busca analisar as contribuições do estágio supervisionado para a identificação do discente do curso de Geografia do Campus do Sertão da UFAL com a profissão docente. A metodologia utilizada foi o método procedimental de estudo de caso. A pesquisa está organizada em quatro partes: inicialmente, faz-se uma contextualização histórica da licenciatura em Geografia e do ensino de Geografia no Brasil, com base em uma revisão bibliográfica. Em seguida, constitui-se uma análise documental do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Geografia, analisado na presente pesquisa, a fim de identificar o que o curso objetiva no estágio. O terceiro capítulo apresenta a análise qualitativa das entrevistas com os discentes do curso. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e para que fosse possível realizarmos uma análise levando em consideração o recorte da pesquisa e para uma melhor argumentação dividimos esta etapa em três categorias principais: desafios enfrentados no estágio, a apresentação do conhecimento adquirido na universidade ao ensino escolar de Geografia, e a importância do estágio na identificação com a profissão docente. Por fim, a pesquisa contou ainda com o relato do que foi observado nos estágios da própria autora. A conclusão destaca as contribuições do estágio supervisionado para a formação de estudantes da licenciatura com base em análises teóricas e diferentes pontos de vista obtidos através das entrevistas.

**Palavras-chave:** Formação Docente. Estágio Supervisionado. Ensino de Geografia.

## RESUMEN

La pasantía supervisada es un paso fundamental en la formación del profesorado, ya que permite a los estudiantes experimentar la realidad del aula y familiarizarse con los desafíos y prácticas de la enseñanza. En este contexto, la presente investigación busca analizar las contribuciones de la pasantía supervisada para la identificación del alumno del curso de Geografía en el Campus del Sertão de la UFAL con la profesión docente. La metodología utilizada fue el método procedimental de estudio de caso. La investigación se organiza en cuatro partes: inicialmente, se realiza una contextualización histórica de la licenciatura en Geografía y de la enseñanza de la Geografía en Brasil, a partir de una revisión bibliográfica. A continuación, se constituye un análisis documental del Proyecto Pedagógico del Curso de Geografía (PPC), analizado en la presente investigación, con el fin de identificar qué es lo que el curso pretende en la pasantía. En el tercer capítulo se presenta el análisis cualitativo de las entrevistas a los estudiantes de la asignatura. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestructuradas y con el fin de poder realizar un análisis teniendo en cuenta el corte de la investigación y para una mejor argumentación se eligió esta etapa en tres categorías principales: los desafíos enfrentados en la pasantía, la aplicación de los conocimientos adquiridos en la universidad a la enseñanza escolar de Geografía, y la importancia de la pasantía en la identificación con la profesión docente. Finalmente, la investigación también cuenta con el reporte de lo observado en las propias pasantías de la autora. La conclusión destaca los aportes de la pasantía supervisada a la formación de estudiantes de pregrado a partir de análisis teóricos y diferentes puntos de vista obtenidos a través de las entrevistas.

**Palabras clave:** Formación docente. Prácticas supervisadas. Enseñanza de la Geografía.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas**

**BNCC – Base Nacional Comum Curricular**

**CNE – Conselho Nacional de Educação**

**EJA – Educação de Jovens e Adultos**

**GEST – Grupo de Estudos Sociedade e Natureza**

**IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

**IES – Instituição de Ensino Superior**

**LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**

**MEC – Ministério da Educação**

**PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência**

**PPC – Projeto Pedagógico do Curso**

**RP – Residência Pedagógica**

**TCE – Termo de Compromisso de Estágio**

**UFAL – Universidade Federal de Alagoas**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL E O SURGIMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO</b>	<b>16</b>
<b>2.1. CONCEITUAÇÃO DE BASE, TERMOS E SEUS SIGNIFICADOS</b>	<b>20</b>
<b>2.2. A IDENTIDADE DOCENTE E A FORMAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO</b>	<b>24</b>
<b>3. O PERCURSO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA</b>	<b>26</b>
<b>3.2. A RELAÇÃO TEORIA – PRÁTICA DO ENSINO</b>	<b>31</b>
<b>3.3. AS EXPERIÊNCIAS DOS ESTAGIÁRIOS DIANTE O ESTÁGIO</b>	<b>32</b>
<b>3.3.1. PRIMEIRA CATEGORIA: OS DESAFIOS ENFRENTADOS NO ESTÁGIO.</b>	<b>33</b>
<b>3.3.2. SEGUNDA CATEGORIA: AS DIFICULDADES ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.</b>	<b>36</b>
<b>3.3.3. TERCEIRA CATEGORIA: A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA IDENTIFICAÇÃO COM A PROFISSÃO DOCENTE.</b>	<b>41</b>
<b>4. EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO: A RELAÇÃO COM A SALA DE AULA</b>	<b>46</b>
<b>4.1. ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS I, II, III, IV.</b>	<b>47</b>
<b>4.1.1. <i>Estágio Supervisionado I - Observação</i></b>	<b>48</b>
<b>4.1.2. <i>Estágio Supervisionado II - Regência no Ensino Fundamental</i></b>	<b>51</b>
<b>4.1.3. <i>Estágio Supervisionado III - Regência no Ensino Médio</i></b>	<b>55</b>
<b>4.1.4. <i>Estágio Supervisionado IV – Regência na EJA</i></b>	<b>57</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>62</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Um tópico que aparece em diversas pesquisas acadêmicas é a formação de professores. Isso ocorre porque o ensino enquanto ferramenta de aprendizagem humana está passando por modificações contínuas, sejam elas advindas de reflexões filosóficas, sociais ou demandas externas à educação. O estágio ganha importância nessa temática pois o mesmo faz parte das etapas fundamentais da formação docente, tendo em vista que o mesmo é muitas vezes o primeiro passo do discente para conectar o ensino acadêmico com a prática. Conforme reforça Santos (2021, 194):

Desse modo, o estágio supervisionado configura-se enquanto momento propício para a articulação entre as teorias desenvolvidas na universidade e as práticas educativas realizadas no ambiente escolar, fazendo com que os futuros professores de Geografia percebam a importância destas na profissão e, futuramente, na sua práxis docente.

O Estágio é uma exigência das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9.394/96 - LDB) para cursos de licenciatura. Em 2002, em consequência das recomendações do Ministério da Educação (MEC), ocorreu uma mudança nas Diretrizes Curriculares Nacionais, conforme estabelecido na Resolução CNE/CP nº 01/2002 (BRASIL, 2002a), que define as Diretrizes para a Formação de Professores para a Educação Básica. Além disso, a Resolução CNE/CP nº 02/2002 (BRASIL, 2002b) estabelece a carga horária e a duração dos cursos de Licenciatura em 400 horas que devem ser iniciados a partir da metade do curso. Além disso, estabelece que estudantes que já estiverem atuando na docência terão um abate de até 200 horas nas práticas de estágio. Assim, mesmo aqueles que já estiverem na educação básica enquanto professores, devem realizar o estágio. Entendemos então que essa prática vai muito além de conhecer a sala de aula, mas faz parte da formação que se espera da graduação, tal como todas as outras disciplinas obrigatórias.

Essa etapa permite ao futuro professor não só apresentar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, mas também adaptar-se à dinâmica escolar. A articulação da teoria e da prática pode se tornar um grande desafio, especialmente quando o discente não recebe a preparação adequada. O estágio pode ser então uma das formas de preparar o discente para o cotidiano da profissão docente e também é uma forma de experienciar o que é ser professor ao mesmo tempo em que enfrenta os desafios de trabalhar o conhecimento universitário na realidade do ensino básico.

É considerando esses aspectos do estágio que propomos esta pesquisa, pois diante de tamanho desafio a ser enfrentado nos diversos contextos da educação Brasileira nos perguntamos quais seriam as contribuições do estágio supervisionado para a identificação do discente do curso de Geografia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão, com a profissão docente?

A relevância da pesquisa consiste na proeminência que o estágio supervisionado possui na formação desses possíveis professores, não apenas pelo fato de que o mesmo é uma disciplina obrigatória para a conclusão do curso, mas sim na possibilidade de que mesmo de forma pontual o discente possa experienciar o que é a profissão docente. Assim, por meio da pesquisa pretendemos compreender se essa experiência formativa pode de alguma forma influenciar na decisão do estudante em seguir a carreira.

Analisar a contribuição da experiência do estágio sob a perspectiva dos próprios docentes pode nos oferecer uma visão mais prática e contextualizada dos desafios enfrentados por eles, como também de que forma a vivência em sala de aula pode oportunizar a identificação do discente com a profissão, podendo-se criar uma reflexão acerca de como melhorar essa experiência para que a mesma seja o mais positiva possível para uma maior identificação dos discentes com a profissão.

Para realizar a pesquisa levamos em consideração o contexto em que a pesquisadora está inserida, sendo a mesma também discente do curso de geografia da UFAL campus do Sertão.

A pesquisa estará voltada para investigar a experiência do estágio, porém com os recursos, tempo e condições que temos não poderíamos fazer uma pesquisa que almeja compreender a experiência no cenário nacional ou mundial, delimitados o recorte para que a pesquisa se torne coesa e estruturada. A partir da metodologia empregada e das técnicas utilizadas de forma coerente, a mesma pesquisa poderia ser replicada em outras universidades e por sua vez analisada chegando à resposta para a nossa pergunta central em outros cenários, com variáveis diferentes.

Acreditamos assim como GIL (2009, p.29) que “A delimitação do problema guarda estreita relação com os meios disponíveis para a investigação.” Por esse motivo é que a pesquisa se dará a partir da realidade a qual a autora tem acesso, nesse caso a do estágio supervisionado da licenciatura em Geografia da UFAL Campus do Sertão.

Para realizar uma análise detalhada sobre o estágio supervisionado na formação docente, a pesquisa utilizou a técnica de estudo de caso, que se baseia na observação e análise aprofundada de um pequeno grupo representativo dentro de um universo maior.

Seguindo esse critério foi definida uma amostragem possível, um total de seis entrevistados, tendo como principal motivo de seleção para representar esse universo, possuírem o seguinte critério: terem concluído os quatro estágios propostos pela vigente grade curricular do curso. “Utiliza então o método da amostragem, que consiste em obter um juízo sobre o total (universo), mediante a compilação e o exame de apenas uma parte, a amostra, selecionada por procedimentos científicos.” (Lakatos; Marconi, 2017, p.181). Compreendemos assim segundo as autoras que uma amostra do universo do qual a pesquisa está inserida já pode representar o mesmo, claro levando em consideração as limitações que a pequena amostra vai possuir.

A opção pelo estudo de caso, portanto, justifica-se pela possibilidade de aprofundamento nas experiências individuais dos participantes, oferecendo um panorama mais detalhado sobre como cada um vivenciou os avanços e como esses momentos influenciaram sua identificação com a docência. Essa abordagem permite não apenas uma análise quantitativa, mas, sobretudo, qualitativa, ao considerar as percepções, desafios e aprendizados relatados pelos entrevistados. Com base nos relatos dos seis discentes selecionados, espera-se identificar padrões e particularidades que revelam o papel do estágio supervisionado na consolidação da escolha pela carreira docente, além de destacar aspectos formativos que podem ser importantes para a formação docente.

Outra abordagem que faremos é uma análise documental a partir do Projeto pedagógico do curso (PPC) (Brasil, 2018) para identificar se há congruência entre o que está previsto e a realidade vivenciada pelos discentes durante o estágio. Nessa mesma linha de contextualização e análise, caracterizando a UFAL Campus do Sertão, indicando as

especificidades desse cenário, compreendendo, pois, o meio no qual os entrevistados estão inseridos, adicionando as variáveis que podem ser consideradas no resultado da pesquisa.

A investigação das experiências dos discentes do curso será conduzida a partir da análise das entrevistas semiestruturadas realizadas no ano 2023 com seis alunos do curso na grade 2018.2 e 2019.1, o qual realizaram seus estágios entre os anos (2021 - 2023) caracterizações no quadro 1. Esses discentes compartilharam suas vivências, percepções e dificuldades em adaptar o conhecimento geográfico adquirido na universidade à realidade do ensino escolar.

Quadro 1: Caracterização dos discentes entrevistados.

Entrevistado	Sexo	Idade	Moradia
Discente 1	Feminino	23	Pariconha
Discente 2	Feminino	21	Delmiro Gouveia
Discente 3	Feminino	27	Inhapi
Discente 4	Masculino	25	Paulo Afonso
Discente 5	Feminino	23	Canapi
Discente 6	Masculino	21	Mata Grande

Fonte: Dados da pesquisa.

Um dos aspectos centrais da pesquisa será identificar se o estágio proporcionou uma visão mais positiva sobre a profissão docente ou, ao contrário, se reforçou a decisão de não seguir a carreira. Alguns entrevistados, por exemplo, descobriram que se identificavam mais com determinados níveis de ensino, preferindo trabalhar com o ensino fundamental ou médio, de acordo com suas experiências e interações com os alunos. Essa diversidade de percepções permitirá uma análise aprofundada sobre como o estágio supervisionado pode influenciar a trajetória profissional e as escolhas futuras desses estudantes.

O penúltimo capítulo do TCC será dedicado a uma reflexão pessoal da autora sobre sua própria experiência durante o estágio docente, abordando os impactos dessa vivência na identificação com a profissão de professora de Geografia. Neste capítulo, serão expostos os desafios encontrados ao longo do estágio, o processo de autoavaliação sobre o desejo de seguir na docência e a descoberta da área da educação com a qual mais se identificou.

Detalhamos como cada um dos quatro estágios supervisionados foi conduzido, descrevendo as atividades realizadas, os choques culturais e pedagógicos enfrentados e como essas experiências desmistificaram a visão idealizada que possuía sobre a profissão. Essa autorreflexão servirá como um ponto de conexão entre a teoria e a prática, permitindo uma análise sobre como o estágio docente pode redefinir percepções e expectativas em relação à carreira de professor.

Portanto, ao discutir a formação de professores de Geografia por meio do estágio supervisionado, buscamos entender o efeito dessa experiência no processo de identificação com a profissão docente. O estágio não só conecta teoria e prática, como também tem um papel crucial na formação da identidade profissional, ao apresentar os obstáculos e as realidades do ambiente de sala de aula. Assim, analisar essa fase de formação pode nos direcionar a compreensão de como o estágio supervisionado pode motivar ou desmotivar os estudantes da licenciatura a quererem ou não seguir na carreira.

## 2. ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL E O SURGIMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Para iniciarmos foi necessário fazer uma revisão bibliográfica como parte da pesquisa, para compreender o que antecedeu o cenário atual da disciplina de estágio supervisionado. Esta etapa é muito importante pois além de nos guiar acerca das perguntas que deveríamos fazer nas entrevistas e nos embasar para as reflexões, pode nos fazer chegar a novas conclusões a respeito do assunto. Assim buscamos nessa pesquisa bibliográfica, não só “[...]mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto[...]” (Marconi e Lakatos, 2011, p.57), mas ao investigar as teses, argumentações e teoria de autores como: (Faria, 2012), (Saviani, 2017, 2019), (Nóvoa, 2019), (Ribeiro, 1993), (Pimenta, 1995) e (Pimenta e Lima, 2004,2005/2006,2010), buscamos, pois, ter novas conclusões a respeito do tema.

No século XVIII a educação formal no Brasil estava quase em sua totalidade sob a responsabilidade dos jesuítas e nesse período o ensino dos conhecimentos geográficos não estavam em primeiro plano no currículo do ensino da época (Rocha, 2000). A inserção da disciplina de Geografia no Brasil de forma organizada, no currículo da escola Básica data do início do século XIX, segundo Vlach (*apud* Faria, 2012, p.24), essa inserção tinha por intenção “[...] criar uma identidade nacional por meio de um discurso sobre o território.”

A disciplina de Geografia que se institui nesta época é a que os autores classificam atualmente como Geografia Clássica, com sua influência majoritariamente francesa. Como a mesma pretendia criar essa “identidade nacional” conforme foi mencionado anteriormente, o seu foco principal de estudo era o território. Nesse período as questões da geografia humana ou populacional só apareciam com o intuito de gerar o sentimento de nacionalismo (Faria, 2012).

Acreditamos que também seja válido ressaltar que quando falamos de Geografia na escola básica não estamos falando em uma disciplina amplamente difundida em todos os lugares do país e muito menos em todas as classes sociais, muito pelo contrário. Ambos os autores (Faria, 2012) e (Rocha, 2000) mencionam como referência em ensino de geografia da época o Colégio Pedro II, um colégio

destinado a elite daquela época. Isso ilustra o que foram os primeiros anos do ensino de geografia no Brasil, um privilégio reservado a poucos.

O acesso exclusivo à educação permaneceu ainda por um longo período sendo um privilégio da elite (Faria, 2012), mesmo depois do fim do período imperial o cenário não mudou. O início da república só reforçou o ensino da geografia clássica voltada para o território, pois havia um receio de que com o fim do império houvesse movimentos separatistas e a fragmentação do território, a exemplo de outros países da América Latina.

É importante destacar quem eram esses professores de geografia daquela época, considerando que a disciplina não existia até o presente momento nem na escola primária, quanto mais em cursos de formação superior, conforme indicado por Rocha:

É interessante lembrar que os(as) docentes que atuavam no ensino desta disciplina eram oriundos(as) ou de outras profissões (advogados, sacerdotes etc.), ou então eram autodidatas, isto quando não eram apenas profissionais em início de carreira que exerciam o magistério até encontrar uma boa posição nas suas profissões de origem. (ROCHA, 2000 p.131).

Então, a profissão de professor de geografia começou não com profissionais da área, mas com uma mistura de profissionais de diversas áreas que ainda não estavam bem posicionados em suas profissões. Eles encontraram no ensino de geografia uma maneira de sobreviver, mas apenas até se dedicaram às suas profissões de origem. O autor também destacou o cenário dos autodidatas, o que nos permite entender o perfil do professor de geografia daquele período, magistérios que não receberam instruções específicas para a área a qual lecionava.

A Constituição de 1934 garantiu a gratuidade da educação no Brasil, sendo a primeira a considerar a educação como um direito social e a estabelecer a oferta gratuita do ensino fundamental. Esta garantia foi reforçada e expandida pela Constituição de 1946, que manteve a gratuidade do ensino fundamental e a ampliou para indivíduos sem meios financeiros que desejassem continuar seus estudos.

No período de 1946 a 1964, sob a República Populista, a Constituição implementou a gratuidade no ensino fundamental, estendendo-a também aos alunos que comprovasse a escassez de recursos para garantir seus estudos. Este período

marcou o início da expansão do acesso à educação pública, possibilitando que inúmeras famílias, que anteriormente não possuíam recursos para pagar mensalidades, pudessem inscrever seus filhos nas instituições de ensino. Até o momento, a educação era restrita apenas às classes mais abastadas da sociedade. Modificação essa que está presente na constituição atual, e foi estendida ao ensino superior.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, também reafirma esse princípio, assegurando a gratuidade do ensino público nos níveis fundamental e médio, além de prever a universalização gradual do ensino superior gratuito.

Neste contexto, Faria (2012, p. 57) destaca que os três princípios fundamentais que nortearam a educação durante a maior parte do século XX podem ser resumidos em três princípios básicos: “a educação como uma função essencialmente pública; a unicidade dos programas e dos métodos de ensino; a universalidade obrigatória da escola gratuita e laica para a população, independente das classes”.

A educação no Brasil sofreu mudanças significativas durante o Regime Militar, de 1964 a 1985, período marcado por uma intensa influência ideológica e nacionalista. Dentro deste cenário, disciplinas como História e Geografia foram retiradas do currículo escolar, dando lugar aos Estudos Sociais. O regime se destacou pela restrição/suspensão dos direitos humanos e políticos, juntamente com a repressão do Estado, que perseguiu professores e outros grupos que não estavam alinhados às mesmas ideologias. Essa supressão mudou a suspensão temporária de disciplinas sociais convencionais, como Geografia e História, que só foram incorporadas ao currículo escolar mais tarde.

Em 1971, a Lei nº 5.692/71 extinguiu o ensino de História e Geografia nos níveis Fundamental e Médio, substituindo-os pela disciplina de Estudos Sociais. Segundo Faria (2012, p. 71), "o conteúdo dessa disciplina nunca chegou a ser precisamente definido, posto que não se conformava como um campo de conhecimento devidamente delimitado, mas se constituía como uma 'mistura' de métodos, teorias e conceitos tanto da História como da Geografia, voltada a um conhecimento descritivo, sem caráter definido." Durante esse período, conforme Costa (2009),

havia uma tendência à hegemonia do modelo burocrático, com o Estado exercendo forte intervenção na organização do trabalho escolar.

A partir de janeiro de 1972, numa clara tentativa de agravar ainda mais a formação de professores, o Conselho Federal da Educação diminuiu a duração das licenciaturas curtas que eram de 2025 horas para 1200 horas, sem modificação, entretanto, no currículo anterior de 1966. Os professores recebiam sua capacitação para a prática docente em um período recorde de três meses (Rocha, 2000).

O quarto período da educação brasileira começa com o retorno da democracia no final dos anos 1970 e se estende até hoje. A Constituição de 1988 deu grande importância à educação, e em 1996 foi criada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que instituiu a Política Educacional Brasileira.

Um movimento de renovação do conhecimento geográfico – acadêmico e escolar – deve ser compreendido como parte de um processo mais amplo de mudanças que se processou em todo o mundo na segunda metade do século XX. Essas mudanças redefiniram, em seu conjunto, as relações socioculturais, econômicas e políticas, com profundas implicações nos processos de produção do espaço – em suas configurações territoriais – e também foram responsáveis por alterações importantes nas formas de representação do mundo, entre elas, a Geografia. (Faria, 2012, p.75)

A década de 1980 também marcou o "movimento de renovação da geografia", com disputas entre a geografia "tradicional" e a "crítica". Segundo (CAVALCANTI, 2008, p.22) “No conjunto, o movimento buscava denunciar a falsa neutralidade e a falsa “inocência” do pensamento geográfico oficial [...]”, assim podemos então ver finalmente uma mudança significativa no pensamento geográfico no Brasil, se distanciando da Geografia clássica que havia se consolidado desde o século XIX.

Quanto ao estágio supervisionado, só se tornou uma disciplina obrigatória para a formação de professores com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. De acordo com o artigo 65 (BRASIL, 1996), "a formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas". Isso significa que se passaram 60 anos entre a formação dos primeiros licenciados e a obrigatoriedade do estágio, além de mais seis anos até a regulamentação de como essa prática deveria ser realizada por meio da Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de fevereiro de 2002.

A obrigatoriedade e a regulação tardia do estágio supervisionado evidenciam o quanto a ciência da docência foi negligenciada ao longo dos anos. Uma parte tão essencial da formação de professores só conquistou seu devido destaque após décadas de atraso, resultado de um projeto educacional que, ao longo do tempo, favoreceu o controle das massas por meio de uma educação elitizada. A seguir, discutiremos a respeito da contextualização do estágio supervisionado na formação docente.

### **2.1. Conceituação de base, termos e seus significados**

A experiência do estágio supervisionado revela a grande diferença entre o que se estuda na academia e a realidade cotidiana da sala de aula. Embora a formação teórica seja essencial, a presença ativa dos alunos e a dinâmica própria de cada turma tornam impossível transmitir, apenas por meio da literatura acadêmica, a complexidade e a singularidade do ambiente escolar.

Na prática, os professores frequentemente precisam adaptar seus planos de aula e estratégias pedagógicas para se ajustarem às necessidades específicas dos estudantes e ao contexto em que estão inseridos. Essas adaptações são fundamentais para que a prática docente esteja em sintonia com as demandas reais da educação, mostrando que o estágio é um espaço essencial de aprendizado prático e reflexão crítica sobre a profissão.

Essa discrepância observada pelos alunos de graduação tem se destacado como um tema relevante de pesquisa no meio acadêmico. A oposição entre teoria e prática, bem como a diferença entre o que é ensinado e o que é realmente vivenciado nas escolas, é amplamente discutida. Os desafios enfrentados pelos professores, somados à sobrecarga de trabalho e à complexidade do ambiente escolar, tornam o ensino uma tarefa ainda mais árdua. Chegando a casos de profissionais que após a imersão na rotina escolar, acabam deixando a carreira, sentindo-se despreparados e insuficientemente formados para enfrentar as exigências cotidianas da educação.

Segundo Pimenta e Lima (2010), esse despreparo só reforça o quão importante é o estágio supervisionado no curso de formação em licenciatura, onde, ainda em processo de formação, o aluno/estagiário experiencia esse contato com o ambiente

escolar com a supervisão e acompanhamento de dois ou mais professores. O primeiro, é o(a) professor(a) responsável pela disciplina de estágio no ambiente da faculdade, e o segundo é o(a) professor(a) responsável pela sala que este aluno irá estagiar, observando inicialmente, para que assim no próximo estágio haja a regência por ele em sala de aula. Esse percurso é realizado no Ensino Fundamental e Médio, para que assim seja absorvido, observado, e preparado o aluno/estagiário para o futuro da profissão em que ele está em formação.

É fundamental compreender a relação entre teoria e prática no processo de aprendizagem, uma vez que dominar o conteúdo teórico e os procedimentos necessários é crucial para a aplicação eficaz desses conhecimentos na realidade. Nesse contexto, Pimenta (1995, p. 121) caracteriza o estágio como uma “atividade instrumentalizadora de práxis”, em que o indivíduo em formação passa por um processo dialético de desenvolvimento. Segundo Valladares (2015, p. 87), o estágio se insere em uma “zona de fronteira educativa entre família, comunidade e escola”, ressaltando que, nesse espaço, é “preciso aprender isto, como princípio de vida coletiva, a ação conjunta rumo ao objetivo comum.” Dessa forma, a experiência do estágio não apenas favorece uma aprendizagem mais significativa, mas também contribui para a formação de profissionais bem capacitados e preparados para atender às demandas da sociedade.

O estágio curricular supervisionado segundo Pimenta e Lima (2004, p. 61) é apresentado:

“como campo de conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente”.

No ambiente do ensino superior as grades curriculares de aprendizagem são colocadas inúmeras disciplinas teóricas, conceituais, uma em sequência da outra, desse modo a teoria é apresentada primeiro. Após tais procedimentos, apresentam-se os períodos do curso de formação que conta com a prática, como uma parte de finalização do processo de aprendizagem para os discentes.

O estágio pode ser compreendido como um processo de investigação realizado pelo futuro profissional em sua área de formação. Nesse sentido, ele é “uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor.”

Essa experiência é acompanhada pela “construção de conhecimento por meio da reflexão, análise e problematização da prática” (Pimenta e Lima, 2011, p. 48). Através de cada vivência no estágio supervisionado, que integra prática e teoria, torna-se viável formar um profissional que compreenda a importância da educação continuada e do aprimoramento constante ao longo de sua carreira.

Assim, partindo da união de conceitos de vários autores como Pimenta; Lima, (2004, 2011), Pimenta (1994), Ludke, (2008, 2009, 2013), Santos (2012), Carvalho (2012), podemos afirmar que o estágio supervisionado representa o aprimoramento da teoria adquirida em sala de aula, nos livros e nas aulas, ao integrar essa base teórica com a prática. Essa experiência permite ao estudante converter o conhecimento teórico em ações concretas, adquirindo vivências próprias.

Além de simplesmente transmitir o que aprendeu advindo da graduação, o estagiário assume a responsabilidade pela produção de conhecimento, tornando-se responsável por uma sala de aula onde precisará, em vários momentos, adaptar o que aprendeu durante a graduação às realidades e desafios presentes no ambiente escolar. Essa dinâmica ressalta a importância do estágio como um espaço de aprendizado ativo e reflexivo, fundamental para a formação de educadores competentes.

Segundo Santos (2012, p. 76):

O estágio supervisionado na contemporaneidade representa um momento ímpar na formação do docente de Geografia. Sendo configurado enquanto preparação profissional de humanização e qualificação ao fim que se destina e, possibilitando ao estagiário vivenciar, refletir e intervir no ambiente escolar.

A experiência do estágio é onde o aluno pode ter uma visão do que é aquela formação em que ele está inserido, podendo com o suporte do professor presente em sala adquirir e aperfeiçoar técnicas já aprendidas como também novas, para melhor aproveitamento da experiência. Sabendo que mais à frente essas experiências contarão para seu domínio em sala de aula, suas estratégias didáticas, e o seu poder de mudança de planos pois dentro de uma sala de aula nem sempre o que é adicionado, colocado no seu plano de aula chega a ser executado na sala devido a deficiências em materiais, participação, compreensão do conteúdo por parte dos alunos e fluidez da própria aula em determinados momentos.

O estágio muitas vezes é dos primeiros modos de contato dos discentes com a sala de aula na posição de docente, mas vale ressaltar que não é o único. Existe o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) criado pela Lei nº 11.784, de 22 de setembro de 2008 e a Residência Pedagógica (RP) que foi instituída pela Portaria nº 1.083, de 8 de outubro de 2018, que segundo o MEC são políticas governamentais que tem como objetivo antecipar o vínculo entre os futuros professores e a sala de aula da rede pública de ensino. Onde visa uma valorização do ensino e conseqüentemente uma melhor qualidade da educação básica. Porém, no curso de Geografia mesmo fazendo parte desse programa o discente não é dispensado totalmente das disciplinas de estágios, pois tais disciplinas são obrigatórias na carga horário do aluno, sendo assim, ações complementares e não excludentes entre si.

A integração de novos professores ao ambiente escolar é um aspecto crucial para a formação docente e para a qualidade da educação. Cada vez mais, os futuros educadores se reconhecem como profissionais em formação. Para que o estágio se torne um momento de conexão significativa, é essencial que o professor responsável atue como mediador nesse processo. Da mesma forma, a recepção de professores recém-formados nas escolas é crucial. Assim como prevê a Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de fevereiro de 2002, é necessário que o estagiário receba o acompanhamento necessário. Essa dinâmica é vital para garantir que os novos educadores se sintam apoiados e preparados para enfrentar os desafios da sala de aula, promovendo uma educação de qualidade e contribuindo para a formação de um corpo docente mais coeso e comprometido.

O ato de ensinar e aprender é uma construção essencial para a nossa humanidade, contudo, quando a educação é reduzida apenas a habilidades e conhecimentos técnicos, empobrece-se e minimiza-se a rica história da educação. Para reverter essa situação, é fundamental interpretá-la sob uma perspectiva mais ampla, que valorize o ofício de ensinar como um meio de cultivar a humanidade. Essa abordagem nos ensina que a aprendizagem se dá também por meio da convivência e do relacionamento com outros seres humanos. No entanto, é importante reconhecer que, nas escolas, existe um processo programado a ser executado, o que pode limitar a espontaneidade e a troca cultural que enriquecem a experiência

educativa. Assim, é essencial buscar um equilíbrio entre as exigências curriculares e a promoção de uma educação que valorize as interações humanas e a construção de saberes coletivos.

Segundo Saviani (2019, p.60) “A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber.”, é importante ressaltar a finalidade a qual justifica a escola, justamente ser fonte de saber elaborado como ciência, ser essa ponte de acesso ao conhecimento.

## **2.2. A Identidade docente e a formação didático-pedagógico**

A identidade da docência é construída a partir do significado dado por cada professor para a profissão de escritor e ator que ensina no dia a dia partindo de seus valores, de sua forma de se posicionar no mundo, de sua biografia, de suas representações de seu conhecimento, ansiedade e desejo. A Identidade Docente não vem pronta ao fim da graduação, ela é construída ao longo dos anos, dos saberes, habilidades e conhecimentos vão adquirindo no dia a dia.

Assim, a atividade de ensino, a aula, por exemplo, é alguma coisa que supõe, ao mesmo tempo, a presença do professor e a presença do aluno. Ou seja, o ato de dar aula é inseparável da produção desse ato e de seu consumo. A aula é, pois, produzida e consumida ao mesmo tempo (produzida pelo professor e consumida pelos alunos). (SAVIANI, 2015, p. 287)

O professor está em constante processo de formação e de transformação. Esse é um fato que muitas vezes assusta o professor recém-formado, pois são muitas as informações, as cobranças, as preocupações e as incertezas se darão conta de toda a responsabilidade que agora lhe é atribuída.

A visão romantizada do ensino frequentemente ignora a complexidade do trabalho do professor, que envolve muitas horas de preparação de conteúdo, elaboração de planos de aula, atividades e provas, além de desenvolver métodos eficazes para a aprendizagem. A escolha das estratégias de ensino é fundamental, pois elas influenciam a assimilação do conteúdo pelos alunos. O foco da prática docente é o entendimento dos estudantes, e essa responsabilidade é cobrada institucionalmente,

destacando que ensinar jovens e adolescentes requer decisões pedagógicas que garantam uma aprendizagem significativa e duradoura.

Faz-se necessário o entendimento de como é o roteiro de uma escola. Pois no centro da ação estão os professores, que segundo Nóvoa, (2019, p. 3) “São eles os responsáveis pela disciplina escolar, no duplo sentido do termo: ensinam as disciplinas(...), as matérias, com aulas ministradas em sincronia para todos os alunos, como também “(...) asseguram a disciplina, as regras de comportamento e de conduta dos alunos.”. Mantendo o respeito e cumprimento das regras estabelecidas no ambiente escolar.

Ao investigar o sentido da profissão docente, frequentemente se destaca a ideia de que é uma carreira exercida por amor. Historicamente, o magistério — termo que remete aos primórdios do ensino e era predominantemente ocupado por mulheres solteiras sem filhos — era associado à responsabilidade pela educação das crianças. Contudo, com a profissionalização da classe, tornou-se evidente que o amor sozinho não é suficiente para sustentar a prática docente.

O ofício do professor foi integrado de maneira mais profunda à sociedade, enfatizando a necessidade de uma formação sólida e condições adequadas para o exercício da profissão. Essa evolução ressalta a importância de valorizar a atuação do educador como um papel social fundamental e complexo, que vai além do mero afeto. O exercício da profissão docente representa um fazer qualificado de um coletivo de trabalhadores que possui identidade, história própria, preparo e formação específica, desenvolvendo um corpo de saberes e reconhecimento social.

Partindo dos estudos de Ludke (2008, 2009) é possível acompanhar o caminhar\desenvolvimento do que é estabelecido entre o professor em sala de aula e a pesquisa, essa relação no qual busca envolver os professores que atuam na educação básica, fazendo esse ponto de interligação entre o ambiente de formação superior com o ambiente de atuação dos futuros profissionais. Por isso, ao ter a prática do estágio durante o processo de formação superior faz-se de modo essencial para uma melhor o aperfeiçoamento do profissional.

### **3. O PERCURSO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA**

Dentro dos cursos de formação profissional, faz-se necessário a aplicação do estágio, como mencionado no capítulo anterior, e que há uma distinção entre o teórico e o prático, já não é surpresa, que necessita de aperfeiçoamento na teoria interligando a prática. Assim Pimenta e Lima (2010, p. 33) afirmam que, “Ou seja, carece de teoria e de prática”, uma mudança que acompanhe a realidade vivenciada de modo mais próximo, realmente preparando os que estão em formação para a profissão futura.

É no período de formação profissional que o estagiário deve observar o quanto o aluno aprende com atividade prática, o quanto se motiva antes, durante e após uma aula prática, e sentir, durante sua iniciação ao magistério, o que ele já estudou teoricamente: o significado da experimentação, do concreto, na formação dos conceitos teóricos. (Carvalho, 2012, p. 69)

O Estágio Supervisionado tem suas modificações focadas a cada área escolhida. No curso de formação de Licenciatura em Geografia é seguido um modelo que melhor se aplica à disciplina trabalhada. Como em todo curso há toda a parte normativa com leis e diretrizes para que esse processo ocorra, assim, presente na organização e disposição das disciplinas, conteúdos aplicados e momentos práticos do curso, fazendo com que cada etapa esteja interligada uma à outra seguindo uma sequência cronológica que faça sentido.

#### **3.1. Leis e diretrizes**

A Universidade Federal de Alagoas - sede Campus Sertão encontra-se localizada na Rodovia AL 145, Km 3, Cidade Universitária, S/N, Delmiro Gouveia, AL. Foi inaugurada no dia 15 de março de 2010, oferecendo seis cursos de graduação: Engenharia Civil, Engenharia da Produção, Letras, Pedagogia, História e Geografia.

O Curso de Geografia - Licenciatura - é oferecido ao longo de nove períodos, com duração de quatro anos e meio, com aulas no turno da noite. O curso é ministrado na Sede do Campus do Sertão, localizada no município de Delmiro Gouveia. Desde o início do curso, os alunos tem acesso a disciplinas de formação geral, bem como a matérias específicas relacionadas à educação e à Ciência Geográfica.

O estágio supervisionado está inserido na Constituição Federal do Brasil na lei nº 11.788 (Brasil, 2008), que foi sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva a

partir de 25 de setembro de 2008, definindo o estágio como atividade escolar-educacional supervisionada, realizada em ambiente de trabalho, com o objetivo de preparar o aluno para o trabalho produtivo. Os estágios fazem parte do roteiro de formação do aluno, bem como parte do projeto pedagógico escolhido e ministrado no curso de Licenciatura.

Tais medidas, ações e decisões são tomadas a partir do Conselho Nacional de Educação (CNE) que tem como missão procurar meios burocráticos e recursos institucionais que possam permitir/incentivar a interação da sociedade como um todo no processo de desenvolvimento, aperfeiçoamento e fortalecimento da educação em âmbito nacional com qualidade.

Na resolução do CNE nº 02/2015 (Brasil, 2015), é responsável pelas cargas horárias dos cursos de Licenciatura, onde determina a quantidade mínima de 400 horas a serem dedicadas ao desenvolvimento do estágio supervisionado, essa carga horária na formação e atuação dentro da educação básica.

Dentro da estrutura desse processo são envolvidos três atores, o discente, o professor e o professor supervisor, que são interligados por duas instituições: a Unidade de formação acadêmica, nesse caso a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) que envia o estagiário, e a que recebe o estagiário, no caso a escola onde será realizada a experiência do estágio.

Desse modo são considerados como campo de estágio as escolas da rede pública ou privada e também outros espaços educacionais formais ou não formais que podem proporcionar geograficamente vivências, no qual, partilha da proposta desenvolvida pelos professores-orientadores, como associações, aldeias, sindicatos, escola e outros.

Esse contato com a sala de aula no decorrer dos estágios é uma excelente oportunidade para os alunos graduandos associarem o curso que fazem a realidade da profissão, no qual mostra que licenciatura é uma modalidade de curso do ensino superior direcionada a docência em determinada área do conhecimento seja ela na licenciatura em pedagogia, em geografia, em história, em música, em inglês ou em outra disciplina que o professor escolha para atuar no ensino básico. Pois o grau

acadêmico concedido a Licenciatura é de exercer o magistério, essa atuação no ensino infantil, fundamental, técnico ou médio.

Tal característica de ensinar é o principal ponto que diferencia a licenciatura dos demais grau de formação, pois na licenciatura há a presença de disciplinas direcionadas ao ensino, fornecendo os conhecimentos e as habilidades necessárias aos discentes. A integralização curricular é por meio do cumprimento de uma carga horária mínima total de 3.540 horas, distribuídas conforme no Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição dos componentes curriculares por carga horária

COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
Disciplinas Obrigatória	2.350
Disciplinas Eletivas	90
Atividades Curriculares de Extensão (ACE)	400
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	100
Estágios Supervisionados	400
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (ACC)	200
Total	3.540

Fonte: Brasil, 2018, p.27.

O Estágio Supervisionado no Campus do Sertão – Universidade Federal de Alagoas (UFAL), previsto na Lei Federal nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, correspondente à Lei do Estágio, na qual define o “estágio como o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante”. Dessa forma, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), os estágios curriculares supervisionados são regulamentados pela Lei anteriormente citada e pela Resolução de nº 71/2006-CONSUNI/UFAL, de 18 de dezembro de 2006. Esses estágios são

componentes curriculares nos cursos de graduação. A partir do Art. 13, § 1º Inc. II das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso Superior de Graduação em Licenciatura. A realização do estágio supervisionado é por meio do acompanhamento de um(a) professor(a) com formação ou experiência na área de atuação das atividades do estágio, com um plano de atividades. Além disso, conta com a carga horária mínima do estágio curricular que deve atingir 400 horas.

Desse modo, o Estágio Supervisionado do Curso de Geografia em Licenciatura do Campus do Sertão, possui 400 (quatrocentas) horas mínimas de atividades, estruturado do 6º ao 9º período do curso. Considerando seu principal objetivo de proporcionar ao aluno(a) a oportunidade de aplicar/aprimorar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, permitindo assim, o exercício de escolhas em situações vivenciadas e desenvolvendo uma visão crítica de sua área de atuação profissional futura na educação.

A estrutura do estágio é formalizada através de atividades compreendendo, obrigatoriamente, as seguintes etapas:

1. Apresentação de termo de compromisso: o estágio só será válido a partir do preenchimento e assinatura do Termo de Compromisso de Estágio (TCE), que estabelece entre o estudante, o docente orientador e a instituição concedente de estágio. O termo é um documento institucional, contendo os dados gerais do estágio em questão, o número da apólice de seguros a que o discente tem direito, disponibilizado, anualmente, pela Gerência de Estágio (GEST).
2. Elaboração do plano de aula: o estágio deve estar estruturado no contexto da formação acadêmica e ser apresentado para registro pelo Colegiado e devidamente aprovado e acompanhado em sala de aula por um docente orientador.
3. Desenvolvimento das ações programadas: o estágio deve ressaltar o lado da qualidade formal, no aprimoramento das condições instrumentais do exercício profissional.
4. A avaliação final do estágio: deverá ser apresentado um relatório completo das atividades ao Coordenador de Estágio e ao Colegiado do Curso, avaliado e assinado pelo orientador e pelo supervisor do estágio.

O cronograma descrito acima é aplicado nos quatro estágios obrigatórios no curso de Geografia na UFAL Campus do Sertão, visando atingir os objetivos propostos nas ementas das disciplinas com seu caráter prático e formativo será dividido da seguinte forma:

I – Fase de observação – Prática Pedagógica: Fundamentos, Diretrizes e Organização e Gestão Escolar – 6º semestre letivo – 100 horas. Nesse primeiro momento o aluno-estagiário deve conhecer a estrutura da escola, acompanhar as diversas atividades realizadas no ambiente escolar, observar aulas e fazer um relatório contendo todas essas informações para entregar no final dessa experiência.

II – Regência – Prática Pedagógica: Ensino Fundamental – 7º semestre letivo – 100 horas. Nesta segunda etapa o aluno-estagiário retorna a sala de aula, porém agora para a sua primeira regência, elaborando planos de aulas, aplicando conteúdos, atividades e recursos didáticos. Fazendo o mesmo processo de coleta de dados e produção do estágio anterior.

III – Regência – Prática Pedagógica: Ensino Médio – 8º semestre letivo – 100 horas. Nesse terceiro estágio, o aluno-estagiário retorna à sala de aula, entretanto, dessa vez em uma turma do ensino médio, no qual encontra com alunos maiores, fazendo com que o estagiário adapte a metodologia e recursos, principalmente porque cada aluno tem sua individualidade, seu ritmo de aprendizagem e cabe ao professor em sala de aula ir dosando seus métodos de ensino, para que assim seja possível um maior aproveitamento das aulas. Assim, fazendo com que o mesmo adquira a experiência dos diferentes contextos e possibilidades, observe a singularidade de cada turma e que futuramente ao exercer a profissão saiba como é o funcionamento de não apenas uma sala de aula, mas várias. Ao final do estágio todos esses momentos serão descritos e apresentados no relatório, recebendo sua nota de conclusão de mais um estágio.

IV – Prática Pedagógica: Educação de Jovens e Adultos e Espaços Não-Formais de Educação, elaboração de Relatório Final de Estágio e Organização de Seminário de Estágio – 9º semestre letivo – 100 horas. Nesse último estágio é elaborado por meio da ação-reflexão-ação dos projetos pedagógicos desenvolvidos em espaços formais e não formais. Com análise do processo de ação, vivências no âmbito de instituições

escolares da EJA ou em movimentos sociais desenvolvendo atividades pedagógicas no local de estágio escolhido. Seguindo o mesmo processo dos estágios anteriores de observação inicialmente, conhece as dependências, os professores, a turma, a organização escolar para depois trabalhar o conteúdo proposto, no qual um projeto de intervenção com oficinas pedagógicas deverá encerrar a experiência em sala de aula, resultando na elaboração de mais um relatório, esse no qual contará com a experiência dos anteriores que são a base do último e a conclusão desse processo de aprendizagem e experimentação.

### **3.2. A relação teoria – prática do ensino**

O ato do estágio visa a preparação e aprendizado do discente em busca de adquirir as competências com atividade formativa, inserido no contexto curricular da educação, com o objetivo de desenvolvê-lo tanto na vida cidadã quanto no ambiente de trabalho de forma profissional, ou seja, “um retrato vivo da prática docente” (Pimenta; Lima, 2010, p. 127). Dessa forma pode-se trabalhar a partir do conceito de práxis de Pimenta, onde tal conceito é abordado por um viés filosófico em atividade teórico – prática em todas as áreas das sociedades pelo ser humano.

É através do pensamento de como é a estrutura necessária para uma formação mais completa, no curso de licenciatura esse momento de fusão da teoria com prática advém justamente com mais força nos períodos que são lecionados os estágios supervisionados, direcionando os discentes para as escolas de seus municípios ou proximidades para obter esse riquíssimo desenvolvimento na formação. Assim, a dinâmica do estágio é apresentada por Pimenta (1995, p.65) de levar os alunos “a uma análise das realidades sobre as quais atuarão, e também servir como fonte de experiências concretas para as discussões sobre as questões de ensino e procedimentos pedagógicos”.

Como Dauanny et al (2019, p. 2) contextualizam, é importante que os futuros profissionais tenham uma formação não somente racionalizada / técnica, mas que aborda uma formação completa e ampla na qual “reconhece professores e futuros professores como sujeitos de conhecimento”, que trabalha com “transformações das práticas docentes”, ou seja, que tenham “consciência sobre a própria prática, a de

sala de aula e a da escola como um todo”, relacionando com os conhecimentos teóricos e/ou críticos dentro da realidade.

Para compreender o que a docência exige nos estágios curriculares, considerados de espaços privilegiados Gomes et al (2011, p. 25) afirmam que:

[...] por um lado, uma revisão dos formatos, garantindo o tempo e as condições adequadas para o contato qualificado dos estudantes com professores e escolas; por outro, exigem interrogar o grau de imbricação teoria e prática, potencialmente existente no interior do curso que forma professores, e as instituições estagiadas, sobretudo por privilegiar a capacidade de diálogo entre os saberes dessas duas instituições e entre os profissionais que nela atuam.

O trecho destaca dois elementos essenciais para a formação de professores, sugerindo, primeiramente, uma revisão nos formatos de estágio supervisionado para garantir que os estudantes tenham tempo e condições apropriadas para interagir de forma significativa com os professores e as escolas. Essa revisão visaria assegurar que o estágio proporcione uma experiência de qualidade, permitindo uma aproximação efetiva com o ambiente educacional. Em segundo lugar, o texto questiona a articulação entre teoria e prática nos cursos de formação de professores e nas instituições onde esses futuros docentes realizam seus estágios.

Nesse sentido, é fundamental fortalecer o diálogo entre o conhecimento teórico adquirido na universidade e as práticas pedagógicas vivenciadas nas escolas, de modo a promover uma troca enriquecedora entre os saberes acadêmicos e os profissionais que atuam diretamente na educação básica. Essa integração é vista como chave para formar professores mais preparados para enfrentar os desafios do ensino na realidade escolar.

### **3.3. As experiências dos estagiários diante o estágio**

A partir da perspectiva mencionada anteriormente, o estágio supervisionado se torna um espaço privilegiado para a construção dessa ponte entre a teoria e a prática. Nele, os futuros docentes não apenas colocam em prática o que aprenderam durante sua formação teórica, mas também refletem criticamente sobre essas práticas e sobre o próprio processo de ensino-aprendizagem.

Essa reflexão é essencial, pois permite que os discentes ajustem suas estratégias pedagógicas à realidade das escolas, reconhecendo as especificidades do contexto

escolar, as necessidades dos alunos e as particularidades do ensino de Geografia. Além disso, o estágio proporciona uma oportunidade de interação direta com professores experientes, que atuam como mentores, oferecendo orientações valiosas e promovendo o aperfeiçoamento das competências didáticas e metodológicas dos estagiários.

Dessa forma, o estágio supervisionado não apenas consolida a formação inicial dos futuros professores, mas também contribui para o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva em relação ao ensino, aspectos fundamentais para o exercício da profissão docente. Cousin (2015, p. 29-30) diz que o estágio:

[...] possibilita o fazer docente e potencializa o entrelaçamento do conhecimento teórico aprendido no curso de formação, com a prática em sala de aula, em frente a diversas situações do cotidiano escolar, em busca de uma elaboração da práxis docente. Esse é um momento importante, carregado de inúmeros conflitos que precisam ser mediados a partir do diálogo e da possibilidade de estar na escola.

Essa postura crítica e reflexiva adquirida durante o estágio supervisionado é crucial para o amadurecimento profissional, pois permite que os futuros professores desenvolvam a capacidade de analisar e adaptar suas práticas pedagógicas de maneira contínua. Ao vivenciar diferentes contextos e desafios no ambiente escolar, os estagiários aprendem a lidar com a diversidade de situações que encontrarão ao longo de sua carreira, desde questões relacionadas à gestão da sala de aula até a adequação dos conteúdos à realidade dos alunos.

Além disso, o contato direto com a prática docente também auxilia na construção de uma identidade profissional mais sólida, pois o estágio oferece a oportunidade de experimentar o dia a dia da profissão, testando suas habilidades e enfrentando os dilemas típicos do magistério. Com isso, os estagiários podem não apenas consolidar seu conhecimento, mas também reafirmar sua escolha pela docência, sentindo-se mais seguros e preparados para os desafios futuros que a carreira educacional impõe.

Diante deste cenário, três categorias centrais emergem como fundamentais para a análise das entrevistas realizadas sobre a experiência de estágio supervisionado: os desafios enfrentados no estágio, a aplicação do conhecimento adquirido na universidade ao ensino escolar de Geografia, e a importância do estágio na identificação com a profissão docente. Essas categorias se inter-relacionam e

oferecem um panorama abrangente sobre as dificuldades e aprendizagens que marcam a transição do estudante para o papel de educador.

### **3.3.1. Primeira Categoria: Os desafios enfrentados no estágio.**

A partir da obra de Cousin (2015) é possível inserir os resultados das entrevistas realizadas com os discentes oferecendo um olhar aprofundado sobre a vivência dos estudantes durante o estágio supervisionado, revelando as percepções e experiências que moldam sua formação docente.

#### Discente 1

A experiência de estágio da Discente 1 ocorreu de forma remota em uma escola rural, com uma turma enfrentando grandes limitações no acesso à internet. Como resultado, havia poucos alunos nas aulas remotas, que foram realizadas pela plataforma Google Meet. O estágio era inicial, focado em observação, o que significou que a discente teve pouco contato ou interação com os alunos, limitando-se a momentos breves de apresentação conduzidos pelo professor titular.

#### Discente 2

A Discente 2 compartilhou que o estágio foi desafiador principalmente por causa da timidez ao falar em público, dificuldade em se expressar e se posicionar, além de um grande receio de cometer erros, o que resultou em uma autocrítica elevada. No entanto, com o tempo, ela foi se acostumando à sala de aula. Outro obstáculo foi a infraestrutura da escola, que carecia de materiais de apoio e enfrentava superlotação nas turmas. Apesar disso, a experiência acabou sendo diferente do que ela esperava, superando suas expectativas, e agora ela está animada para os próximos estágios.

#### Discente 3

Para o Discente 3, a experiência de estágio foi essencial, superando suas expectativas. Embora estivesse se qualificando na universidade, colocar o conhecimento em prática fez toda a diferença. Ele relatou que a experiência foi melhor do que imaginava, surpreendendo-o positivamente. O estágio ajudou a despertar um interesse pela docência que ele inicialmente não tinha. Ele afirmou que

o retorno da experiência foi "*maravilhoso*" e que, apesar de não ter o sonho de ser professor, o estágio intensificou seu gosto pela sala de aula.

#### Discente 4

O Discente 4 avaliou sua experiência de estágio de maneira positiva, relatando que não enfrentou dificuldades significativas. Ele mencionou que, devido à pandemia, observou alunos com comportamentos mais infantis e dispersos, o que exigiu uma maior atenção. Inicialmente, enfrentou dificuldades no diálogo com o professor responsável, mas, com o tempo, o professor lhe deu espaço para interagir com os alunos, tirar dúvidas e participar ativamente das aulas.

#### Discente 5

A Discente 5 teve uma experiência positiva com o estágio, afirmando que gostou muito de estar em sala de aula e de observar de perto como é ser professora. Ela relatou a expectativa pela próxima fase do estágio, onde poderia ensinar diretamente. No entanto, destacou que os alunos enfrentavam dificuldades com escrita e leitura, atribuídas ao isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19. Apesar disso, os alunos eram atenciosos, respeitavam as regras e não bagunçavam.

#### Discente 6

O Discente 6 descreveu sua experiência de estágio em uma escola com uma estrutura improvisada no pátio, compartilhada com outras turmas. O ambiente era apertado, barulhento e quente, o que prejudicava o aproveitamento das aulas e exigia um esforço adicional dos professores, especialmente no uso da voz. Como resultado, alguns professores enfrentaram problemas de saúde, como esgotamento vocal. Essa situação se deu em uma escola de ensino fundamental que estava passando por reformas, obrigando o remanejamento das turmas para áreas comuns, como o pátio, quadra ou ginásio. O Discente 6 não gostou da experiência, classificando a estrutura como "*péssima*" e as turmas como "*superlotadas*", com muito barulho. Ele comentou: "*suportei a experiência, deu para aturar*".

Esses relatos iniciais apresentam a diversidade de experiências e desafios enfrentados pelos discentes durante o estágio supervisionado, evidenciando tanto as

dificuldades estruturais e contextuais quanto o impacto positivo da prática docente na formação profissional. Seja em ambientes precários ou com limitações, como no caso dos discentes 1, 2 e 6, ou em contextos mais satisfatórios, como os relatados pelos discentes 3, 4 e 5, todos os estágios proporcionaram um aprendizado valioso sobre as realidades do ensino e o papel do professor. Além disso, os depoimentos destacam a importância do estágio como um espaço de amadurecimento profissional, onde a teoria adquirida na universidade encontra sua aplicação prática, permitindo aos futuros docentes não apenas testarem suas habilidades, mas também refletirem sobre os desafios e recompensas da profissão.

Um dos pontos levantados nessa questão também foi a recepção dos professores e colegas de profissão aos estagiários, que em vez de animá-los ou perguntar como estava sendo esse momento de experiência e contato com ambiente educacional, com a intenção de motivá-los, não ocorria. Como Pimenta e Lima, (2004, p. 104) apresenta que é comum os estagiários serem recebidos na escola com apelações do tipo: “Desista enquanto é tempo” e “O que você, tão jovem, está fazendo aqui”. Com essa apresentação breve de como se faz o desenrolar do processo de ensinar dentro das escolas, onde o estagiário pode se deparar com “muitos professores insatisfeitos, desgastados pela vida que levam, pelo trabalho que desenvolvem e pela perda dos direitos historicamente conquistados”. Tudo isso em um conjunto complexo, que além do profissional tem o pessoal de cada um que conta como bagagem, podem provocar nos estagiários um sentimento de receio.

Uma das grandes questões dentro do ambiente educacional é justamente o modelo padrão que se espera de uma sala de uma aula, essa estruturação de forma única, e Ludke (2013, p. 114-115) diz:

A distribuição dos alunos por turmas, acomodados em carteiras enfileiradas, voltadas para a direção da mesa onde se acomoda o professor, que tem atrás de si um quadro (hoje interativo, talvez), no qual são indicados os exercícios. A programação organizada em conteúdos distribuídos ao longo do ano letivo e encaixados em tempos regulares (de 50 minutos), as aulas, regidas por uma inflexível sineta, dentro de um ambiente regulado por normas disciplinares claras e uma orientação, também clara, para o esperado sucesso dos alunos, sancionado pela prova final. Essa é ainda a forma predominante de trabalho de professores e alunos em nossas escolas de educação básica.

Avaliando o modelo acima descrito por Ludke (2013), para aqueles que já tiveram contato com a sala de aula sabe que tal modelo almejado parece inalcançável, não

por incompetência do professor em sala (há profissionais exímios em sua profissão), mas porque tal estrutura educacional exige a participação e colaboração dos alunos/discentes também. Onde muitas vezes a permanência dos mesmos em suas mesas e cadeiras durante toda a aula é algo com certa dificuldade. Podendo ter vários fatores para a contribuição de tais comportamentos, desde familiares como sociais que são levados para dentro da sala de aula.

### **3.3.2. Segunda Categoria: As dificuldades entre a teoria e a prática.**

Na análise das respostas dos entrevistados sobre a dificuldade entre a teoria e a prática em sala de aula, é possível identificar pontos em comum e variações na forma como cada um reagiu e aprendeu a lidar com essas questões. Vamos separar as falas e destacar as principais reflexões.

Discente 1

A discente relata a dificuldade em adaptar a geografia da graduação na geografia escolar para a sala de aula, uma linguagem muito teórica, densa e rebuscada que os alunos não conseguem entender, para aplicar um conteúdo é preciso simplificá-lo ao máximo, buscando um equilíbrio. Para ela *“professores sempre tem um plano B para quando você entra em sala de aula, pois justamente cada aluno aprende de um modo diferente, sua didática muda, ou seja, sempre levar um plano B em sala para caso não conseguisse aplicar do modo como você queria, e mais não somente um plano B, mas um C, um D, um alfabeto inteira”*.

Ela argumenta que é muito difícil você fazer um plano de aula que consiga abarcar todos os alunos, porque nem todos os alunos são iguais, nem aprendem da mesma forma e velocidade. Então, organizava se quando ia dar aula, *“o meu método e didática, usava muito ilustração e vídeo, porque como os alunos que eu ia ensinar no Médio eram alunos em faixa de 17, 18 anos, na adolescência, e a gente tem muitos da tecnologia, se eu fosse um livro, falava na frente da sala e ficava falando sozinho. Então, eu utilizava vídeo, data show, imagens e sempre pegava muito da questão da participação”*.

Houve o cuidado em relacionar o conteúdo ensinado com a realidade vivenciada dos alunos *“por ser uma comunidade rural, as imagens que eu trazia eram da comunidade, obviamente que trabalhando o assunto do livro. A partir daí eu*

*conseguia ter uma melhor participação, porque eu não trabalhava com as imagens do livro, que é totalmente diferente da realidade dos alunos, como por exemplo o livro de geografia com imagens do Japão, de Nova Iorque, os alunos nunca nem viram, nem ouviram falar.”*

Com as aulas organizadas em exemplos locais e dos livros ela diz *“que os alunos tiveram uma participação melhor, talvez porque eles se sentissem mais incluídos e não excluídos, como a gente vê nesses livros de geografia, que se ressalta que são muito ruins, muito ruins mesmo”*. E comenta sobre os livros por áreas de conhecimento: *“Não vai dar certo esses livros, porque eles misturaram geografia, história, sociologia e filosofia. Então, você tem que estar folheando, página por página, para estar procurando um assunto de geografia, é um livro que é multidisciplinar. Então, se você se basear somente em questões didáticas do livro, você não consegue montar uma aula de geografia”*, complementando as aulas com materiais/informações digitais.

#### Discente 2

A discente 2 relata que a houve complicações no início em relacionar a geografia universitária com a da sala de aula, pois é para passar de forma mais simples, na faculdade tudo muito teórico, palavras difíceis rebuscadas, transformando em algo mais acessível para eles quanto alunos, formas bem simples, básico.

Ela buscou trabalhar com *“planos de aulas mais flexíveis que me mostrasse o que fazer naquele dia, mas que também não me impossibilita-se de fazer outras coisas além daquilo, pois ao chegar em sala de aula, o plano inicial não podendo ser aplicado passa para um plano B, sempre tem que ter um plano B”*. Segundo ela *“a sala de aula é muito volúvel, não é algo rígido que vai seguir um roteiro por completo, por isso direcionava a aula para conversar com os alunos, de forma participativa, fazendo perguntas, buscando ouvir o que eles sabiam, introduzindo exemplos que eles já conheciam dentro do conteúdo estudado, pois muitas vezes os exemplos dos livros acerca do conteúdo é extremamente fora da realidade vivenciada, dificultando ainda mais a compreensão”*,

#### Discente 3

Para a discente 3 não houve a dificuldade de adaptar os conteúdos, de trabalhar com um vocabulário mais simples e saber distinguir qual a melhor forma para direcionar as aulas de acordo com o nível escolar. Fez uso de slides, vídeos, filmes (inclusive um que assistiu em aula na faculdade), jogos, rodas de debates, fazendo com que o conteúdo aplicado fosse visto e analisado de várias maneiras, destrinchando e fixando ainda mais para os alunos. Sobre sua organização e planos de aula é adepta de planejar e ter variações para caso aconteça algum imprevisto.

#### Discente 4

Nesse relato, devido a preparação, leituras, debates e materiais didáticos recebidos na disciplina de estágio que direcionou sobre a adaptação de conteúdos, planejamento das aulas de acordo com o processo pedagógico resultou em uma experiência de estágio mais fácil de realizar. Com um arcabouço normativo e de recursos para melhor trabalhar na sala de aula, como filmes, jogos, debates, dinâmicas em grupos. Ele fala, *“a formação, a teoria, ela conduziu muito com a prática, porque era uma teoria muito sobre se preparar para imprevistos, você saber lidar com diferentes realidades em sala de aula, com alunos com diferentes capacidades, com diferentes tempos entre eles”*.

#### Discente 5

Na realidade dessa discente a situação é um pouco mais agravante, devido ao atraso educacional que os alunos tiveram decorrente ao isolamento social durante a pandemia da COVID-19, deixando sequelas nos alunos, como por exemplo na capacidade interpretativa, leitura e escrita. Exigindo que a discente retornasse a conteúdos de séries iniciais para conseguir aplicar os das séries correspondentes à turma.

Com recursos didáticos limitados como livros defasados, quadro e pincel, resultando em uma aula mais tradicional, com explicações, atividades de fixação e debates em sala de aula. Sobre os planos de aula ela diz *“Eu nunca fiz plano B. O meu era sempre plano A. O plano B, eu resolveria na hora que acontecesse. Mas, graças a Deus, eu nunca tive que utilizar o plano B, não. Sempre todos os planos de aula que eu fazia, sempre dava certo”*.

#### Discente 6

Apresenta a diferença acerca do linguajar em cada nível educacional, mas devido ao trabalho que já desenvolvia com crianças e adolescentes conseguia transitar e adaptar os conteúdos para cada turma, mas afirma *“que a faculdade não nos prepara para lidar com a realidade em sala de aula, ela não nos prepara de fato, ela vai nos apresentar um recorte no estágio, quando ela nos leva para a sala de aula, conseguimos visualizar melhor, de forma alguma, até porque cada sala, aluno e escola é uma realidade”*, essa construção foi pessoal, buscando estratégias, habilidades, métodos e afirma *“algo que me ajudou bastante foi dinâmicas, elas são divertidas e que proporcionam um aprendizado de forma mais prática, lúdica aos alunos”*. A metodologia e o método de ensino que foge um pouco do tradicional (quadro, pincel e livro).

Em questão a dinâmica e a didática usada houve uma divisão nas respostas; dos entrevistados a 1°, a 2°, a 3°, o 4° e o 6° fizeram uso de uma didática mais interativa, com gincanas, interação dentro da turma, com uso de vídeos, slide, jogos, onde trabalhava o conteúdo em questão com a realidade vivenciada e buscando agregar o conhecimento prévio dos alunos a respeito. Enquanto a 1° e a 5°, a estrutura de aula elaborada, aplicada seguia um modelo mais tradicional de ensino, com a transcrição do conteúdo no quadro, uso de livros didáticos e atividades para a fixação do conteúdo, as quais faziam funcionar nas turmas em que foram realizadas as experiências de estágios.

Sobre a necessidade de planos de aula alternativos em caso de imprevistos: a discente 1 disse *“que ao entrar em sala de aula não é necessário apenas um plano B, e sim que haja um plano B, C, D, E, se possível um com o alfabeto inteiro”*, nesse mesmo pensamento se baseava os discentes 2, 3, 4 de ter mais de um plano. Enquanto para a 5° relatou que não havia essa necessidade, os planos iniciais sempre funcionaram, já o discente 6° disse que fazia o plano A e B, que consistia em levar um texto para ser copiado em último caso, mas que segundo ele *“todos os planos de aulas feitos foram executados sem problemas, assim sem a necessidade de usar um plano B no desenvolvimento de suas aulas”*.

A partir das respostas é possível mostrar que não há padrão sistemático a seguir, que ensinar não é uma receita pronta como na culinária, sempre haverá a necessidade de adaptação do professor em relação a cada turma, pois estando no

mesmo nível seriado há sempre diferentes níveis de aprendizagens e acompanhamentos dos conteúdos. A diferença presente no grupo entrevistado é muito grande, mas que apresenta funcionalidade em ambas situações. E é justamente nesse quesito que é reforçada a importância e necessidade do estágio no processo de formação do docente, onde é possível analisar as diferentes possibilidades dentro da sala de aula e ver qual melhor se aplica ao seu funcionamento como professor e profissional.

É consensual o reconhecimento da importância de melhorar a formação dos professores para procurar oferecer um ensino também melhor às nossas crianças e adolescentes, nas escolas da educação básica. (LUDKE, 2013, p. 122)

A interação, a forma, o modo como acontece o estágio supervisionado é fundamental para o desenvolvimento da identidade, pois são nestes momentos de experienciar o ambiente escolar formando e fortalecendo os traços de ensino e docência do discente em formação, refletindo sobre suas capacidades, aprimorando suas afinidades e entendendo como se posicionam dentro da sala de aula.

Essa imersão possibilita uma identificação mais profunda com a carreira docente, ajudando-os a consolidar sua escolha profissional e a desenvolver a confiança necessária para enfrentar os desafios da educação, a seguir será trabalhado as falas dos entrevistados a respeito da terceira e última categoria.

### **3.3.3. Terceira categoria: A importância do estágio na identificação com a profissão docente.**

Discente 1

A discente começou indagando *“acho que desistir, não sei se é uma coisa geral, mas muita gente pensa. Eu, particularmente, pensei. Porque é muito difícil. Uma coisa é você estar na graduação, as disciplinas, e outra completamente diferente é você estar dentro da sala de aula. Porque é muita responsabilidade e ansiedade de querer estar lá e dar o melhor”*. A discente levanta uma pauta muito importante, a saúde mental, como a autocobrança, ansiedade, sobrecarregamento profissional, motivos para o abono da graduação ela menciona que *“atrapalhou tanto esses sentimentos que nos diálogos e relatórios, sempre falava da vontade de desistir da profissão”*, ela justifica o porquê desse sentimento *“é uma realidade totalmente*

*diferente, por mais que você estude, por mais que você está na graduação com o título de professor, quando você entra numa sala de aula, é uma realidade totalmente diferente”.*

Dentre todas questões que experienciou nos estágios seguir a formação foi a sua decisão *“devido a vontade de querer ser professora”,* a relação que desenvolveu com os alunos *“que motivam a seguir e que você está fazendo o que você gosta, eu gosto sim de ser professora, eu me vejo como uma professora, não mudaria o meu curso, porque era um curso que eu sempre quis fazer, não mudaria nada na verdade”.*

#### Discente 2

As considerações iniciaram com a escolha da graduação *“na verdade, entrei de cabeça no curso de geografia, na docência, pensando eu vou fazer por enquanto, mas me descobri nos estágios, fui gostando mais e cada um foi um processo diferente, uma barreira minha que foi se quebrando fui me descobrindo docente na verdade”.* E aos poucos a cada estágio a identificação com a docência foi sendo desenvolvida *“hoje em dia eu quero mesmo exercer essa profissão, porque eu achei muito interessante, me identifiquei mais com a turma do médio, gostei de ter as trocas com os alunos, porém durante o estágio é muito limitado”.*

Além disso a forma como o estagiário por vezes é considerada como uma pessoa de fora e não um discente em de mesma área *“durante o estágio, o professor precisava ir para uma reunião e me deixava sozinha na sala com os alunos, era vista como uma de fora e não como parte da equipe escolar”.* Nas turmas mais caladas e tímidas buscando ter interação com os alunos solicitou *“que escrevessem as dúvidas em um recorte de papel, pois eles não perguntavam, talvez por questão de vergonha, mas não podia deixar que eles ficassem com dúvidas por sentirem vergonha”.* Uma tática simples e de fácil aplicação realizada por ela.

#### Discente 3

A sua experiência de ser estagiária e após a formação está em sala de aula (em outra disciplina), ela comenta *“minha visão não mudou, mas foi outra experiência totalmente nova. Porque, a gente fica como titular, a gente participa dos planejamentos, acho que a gente deveria participar também nos estágios”,* porque o

tempo de estágio não possibilita acompanhar por completo a realidade escolar “*É uma dificuldade que se tem ao estar em uma sala de aula, ao estar em um ambiente educacional em geral, sendo que nós, enquanto estagiários, não temos esse momento também como diretores, como pais e em reuniões*”.

Em relação a escolha do curso ela responde “*optei por ele devido a disponibilidade de horário ser noturno e conciliar com o meu trabalho, família, vida pessoal, além disso, o curso em si, é apaixonante. A Geografia, a gente entra com um olhar e sai com o outro. É totalmente diferente. Como não víamos antes dela, a gente já não tem o mesmo olhar que a gente entrou*”. Ao ser perguntada se tinha alguma outra licenciatura ao qual gostaria de se formar, ela respondeu: “*Era para você ter feito pedagogia, me desenvolvo muito em com eles, atualmente trabalho na educação infantil, mas não me arrependo de ter cursado Geografia*”.

#### Discente 4

O quarto afirma que “*não, em nenhum, eu cheguei a pensar em desistir, eu digo que sou muito privilegiado, porque eu peguei turmas boas de certa forma, principalmente, na Regência do Fundamental, porque era uma turma realmente excelente, não tinha muito o que falar, eu ficava até dizendo, gente, vocês estão me iludindo, porque vocês são muito bons, eu vou achar que isso vai acontecer na minha carreira inteira, não é assim*”.

Ele completa argumentando com elaborava sua rotina pessoal e profissional com estágio “*inclusive, no de Regência Fundamental fiz enquanto eu estava trabalhando, era uma dinâmica muito complicada, de acordar mais cedo e depois do estágio ir direto para o trabalho, e mesmo sendo tão cansativo e desgastado como foi, não pensei em desistir, porque eu tinha aquele retorno positivo da turma, de que eu estava planejando algo e eles me retornavam de uma maneira positiva*”.

Finaliza a resposta reforçando seu entendimento de seu apreço pela docência “*eu já não tinha tanta dúvida, assim antes do estágio, mas depois de chegar no estágio e ter um tom positivo em todos os estágios que eu fiz*”, reafirmou mais ainda de que eu estou no curso certo.

#### Discente 5

Para a discente 5 foi bem desafiadora a sua experiência com a regência do médio, pois *“na primeira semana, quando entrei naquela sala de aula, que vi aquele monte de aluno, me esgulei falando alto com eles, na presença da professora ela falava e os alunos não ouviam. Me perguntei porque, meu Deus, se a professora fala e eles não escutam, quanto mais deu? Aí eu saí de lá arrasada, pensando: será que eu preciso realmente fazer esse estágio?”*.

O impacto de um estágio para outro foi grande para a discente pois no anterior era bem diferente em comportamento, desenvolvimento *“eu tinha tido experiências no ensino fundamental. Meu Deus do céu. Eu nunca nem levantei o meu tom de voz nem um pouquinho a mais. Porque eles não faziam barulho. Enquanto no ensino médio a realidade encontrada foi um monte de alunos adolescentes, eles pensavam que eu era uma aluna, ao invés de uma professora, por serem do mesmo tamanho ou maiores”*. Mas a relação quando próximo de finalizar o estágio ela se aproximou dos alunos *“me abrindo para conversar um pouco com os alunos, eles ficaram falando que estavam gostando das minhas aulas, que sabia explicar os assuntos. Aí eu via que, realmente, estava no caminho certo. E que isso é o que eu vou passar futuramente. Então, eu tenho que estar preparada. Saber que não vai ser só uma derrota. Mas sempre vai ter alguns empecilhos no dia a dia da profissão, mas estava seguindo na profissão correta”*.

Discente 6

Ele começa argumentando que *“é no estágio que a gente tem uma experiência, uma pequena experiência de como é a realidade da escola. E o estágio faz a gente querer seguir e, ao mesmo tempo, faz a gente desistir de seguir a formação”*. Ele continua *“não pensei exatamente em desistir, mas me perguntar se era é isso mesmo que queria, não é fácil, (...) acho que a estrutura da escola contribuiu para essa desmotivação”, ele tem ciência que em qualquer profissão haverá adversidades e que “a gente não pode querer desistir na primeira dificuldade”*, assim ele finalizou o estágio no fundamental e ao iniciar no médio sua perspectiva mudou *“A minha motivação foi no ensino médio, desenvolveu a identificação com a docência e pensei é isso que eu quero, o estágio me proporcionou identificar que o ensino fundamental não faz meu perfil. O que faz meu perfil é o ensino médio. E é bom o estágio para isso, para a gente ver verdadeiramente se é isso que nós*

realmente queremos e em qual modalidade de ensino a gente tem um desempenho melhor e a gente se identifica melhor.

Em resumo, as respostas apresentadas a essa categoria foram semelhantes, porém não iguais, cada discente com seu ponto de vista, no qual cinco dos entrevistados responderam que sim, em algum momento dos estágios cogitaram a possibilidade de desistir ou de estar na formação errada, mas isso mudou ou melhorou ao chegar no estágio seguinte, onde se identificaram melhor com a turma, os conteúdos e ações dentro das salas de aula. E o principal motivo para a continuidade na formação foi justamente o gostar da profissão, o querer ser professor e seguir na docência dali em diante.

Diferentemente dos demais, o discente 4 que respondeu não ter se sentido assim, que mesmo diante os problemas que encontrou (relacionamento com a escola, conciliação da vida pessoal com a profissional e entre outros aspectos), ainda sim sempre teve certeza que estava na área certa, e que achava de um valor importantíssimo o retorno que recebia dos alunos em sala de aula que foi justamente por esse retorno e interação com os alunos (mesmo em pouco tempo que o período de estágio nos proporciona), foi isso que o manteve motivado a continuar.

Ou seja, a experiência do estágio proporciona um misto de sensações positivas e negativas, que vão desde o mais sincero desespero e vontade de desistir, a felicidade pela profissão e o sentimento de pertencimento àquilo que está fazendo. Um dos melhores momentos é olhar para os alunos e sentir a troca, a fluidez do diálogo em sala de aula e os frutos que advêm dessa troca.

Onde mesmo que de formas e contextos diferentes, ainda sim, apresentam e justificam o estágio, a experiência como algo que os desafia, os modifica, os aprimora. No qual, é o principal objetivo de tal ação, fazer com que trabalhem em seu ser profissional e educador, unindo o arcabouço teórico com as experiências de cada aula prática em sala.

Após concluir a análise dos relatos dos entrevistados sobre a experiência dos estágios, seus desafios, descobertas e aperfeiçoamentos, o próximo capítulo é direcionado ao relato autorreflexivo da autora deste trabalho, que dá seguimento na temática e adiciona a sua experiência e questionamento a respeito do tema.

#### **4. Experiência de Estágio: A relação com a sala de aula**

Na estrutura acadêmica, o estágio supervisionado é a “tematização da prática” sendo trabalhada por meio do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Geografia, desenvolvido segundo o (Brasil, 2018, p.38) como “uma atividade de teorização de atividades, a partir da inserção dos formandos em situações de ensino e aprendizagem, para melhor compreendê-las”, aplicando e relacionando as técnicas e métodos adquiridos ao longo da formação acadêmica com a realidade educacional de cada escola, fazendo parte das relações / contextualizações e das práticas necessárias.

Um ponto importante a ressaltar é que o estágio supervisionado não é uma ação promovida pela universidade na escola de cunho individual. Muito pelo contrário, é uma prática epistemológica na qual é desenvolvida entre a parceria da Instituição de Ensino Superior (IES) com as escolas por meio de um convênio educacional que garante e assegura legalmente ambas as partes no processo de realização dos Estágios Supervisionados pelos estudantes de graduação.

Como é possível identificar se está na profissão certa? Essa foi a pergunta que norteou nossos pensamentos ao iniciar o curso de licenciatura em Geografia no ano de 2019. Com o decorrer das disciplinas, com a rotina em sala de aula, com a construção e desenvolvimento do embasamento teórico e as trocas entre discentes e docentes cada vez mais foi direcionado para a resposta que sim, estava na área adequada para o que se buscava.

A experiência do ensino superior é algo que proporciona um abrir de olhos, desse modo, dentro do curso de Geografia esse momento veio com maior intensidade a partir do início das disciplinas de Estágio Supervisionado, onde fazia com que os discentes fossem para o ambiente escolar fundamental ou médio, aprimorando seu próprio caminho dentro da sua futura área de atuação.

Faz-se necessário a elaboração de uma abordagem para relacionar e entender o significado do processo da educação na prática, no qual possa analisar a escola como uma ação articuladora na qual seu papel é desenvolver a influência que exerce na sociedade.

Desse modo, Pimenta, (2004, p. 104) diz que:

Compreender a escola em seu cotidiano é condição para qualquer projeto de intervenção, pois o ato de ensinar requer um trabalho específico e reflexão mais ampla sobre a ação pedagógica que ali se desenvolve.

A compreensão do processo para a articulação e desenvolvimento da escola, vem atribuída ao ato de ensinar, mas não somente isto, como também um trabalho específico no qual busca a reflexão ampla, com a ação pedagógica no ambiente escolar.

Para além das ações presentes no ambiente escolar, onde podem ser extensão na sociedade na qual influencia na organização social, que consta com investimento do governo, dos indivíduos, da própria sociedade em meios como a educação e saúde para que futuramente haja um retorno com novos indivíduos que ocuparam a vaga daqueles que já atingiram idades avançadas, renovando a força de trabalho do país, fazendo com que a economia seja movimentada e esteja em um processo constante de desenvolvimento. Tal ação para todas as áreas de atuações institucionais, onde a educação muitas vezes ou quase sempre é pautada como a base para tais contribuições.

A seguir, será apresentada a experiência pessoal da autora aprofundando a discussão sobre o tema, adicionando novos questionamentos e reflexões em cada um de seus estágios.

#### **4.1. Estágios Supervisionados I, II, III, IV.**

O estágio supervisionado se configura como um espaço de transição crucial entre a teoria acadêmica e a prática docente. Ao imergir em um ambiente escolar real, o estagiário experimenta de forma concreta os desafios e as complexidades da profissão. Essa experiência prática não se limita à mera aplicação de conhecimentos teóricos, mas envolve a construção de uma identidade profissional. Ao se confrontar com as diversas variáveis presentes no contexto escolar, desde a dinâmica da sala de aula até as relações interpessoais, o futuro professor tem a oportunidade de desenvolver habilidades essenciais para o exercício da docência, como a gestão de turmas, a elaboração de planos de aula e a avaliação da aprendizagem.

A dinâmica do estágio supervisionado vai além da simples observação da prática docente. Ao atuar como mediador do processo de ensino e aprendizagem, o

estagiário se torna um agente ativo na construção do conhecimento dos alunos. Além disso, o estágio proporciona a oportunidade de estabelecer relações profissionais com outros educadores, como professores e coordenadores pedagógicos, contribuindo para a sua formação integral e para o desenvolvimento de uma rede de apoio para a sua futura atuação profissional.

Essa experiência permite que o estagiário reflita sobre suas próprias concepções de ensino e aprendizagem, confrontando-as com as práticas observadas e vivenciadas. Desse modo, a seguir serão apresentadas as experiências da autora.

#### **4.1.1. Estágio Supervisionado I - Observação**

O estágio supervisionado I é um momento de imersão na prática educacional, sendo desenvolvido a partir da observação em sala de aula, acompanhando o professor responsável pela turma, analisando a prática docente, a estrutura de cada aula, dialogando com o supervisor sobre a experiência dele, e registrando cada vivência tanto para desenvolvimento pessoal e profissional como também para a elaboração do relatório de estágio ao final da experiência.

A observação aconteceu em junho de 2022 em uma escola da rede estadual da cidade de Inhapi – Alagoas. A instituição conta com o Ensino Fundamental e Médio em sua grade e está na modalidade de Ensino integral. Com turmas de 6º e 7º ano do Fundamental e 1º, 2º e 3º do Médio. Dispondo de uma boa infraestrutura, salas espaçosas, uma quadra coberta, corredores com rampas, sala de informática, biblioteca, uma horta, um refeitório, secretaria, coordenação, diretoria e sala dos professores. A escola passou por uma reforma onde o refeitório, quadra e a entrada foram repaginadas, e nas salas de aulas foi dado início a instalação de ar-condicionado. Somente em algumas salas, nas outras ainda contam com ventiladores antigos para a ventilação enquanto esperavam a troca. Essa categorização foi realizada para detalhamento no relatório ao fim da experiência.

Nesse primeiro estágio foi solicitado pelo docente responsável pela disciplina que a observação acontecesse em duas turmas, uma de ensino fundamental e a outra do ensino médio, para que assim fosse possível observar a dinâmica das turmas e após a observação, na produção do relatório apresentassem as diferenças e semelhanças entre as turmas, os seus conteúdos, a aprendizagem, o comportamento e a relação

entre os professores e alunos. Desse modo, a primeira turma escolhida foi a do 6º ano do ensino fundamental e a segunda turma foi a do 2º ano no ensino médio. A seguir nas figuras 1 e 2 são imagens da caracterização da escola.

Figura 1: entrada da escola (1 a) e sala de aula na (1 b).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 2: área de recreação (2 a) e corredores da escola na (2 b).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Como a presença na sala era somente para observação, não houve tanta interação com os alunos, muito menos troca. Principalmente, pela composição da referida turma de 6ºano ser muito cheia, barulhenta e ser formada por alunos que enfrentaram a época da pandemia, justamente nas séries educacionais que estavam aprendendo a ler e escrever. Então, esse déficit resultou em grandes problemas para a adaptação desses alunos ao retornarem à sala de aula deixando o fundamental I e passando ao fundamental II sem a base educacional que precisavam. Como também a questão do comportamento em sala, pois eram alunos inquietos, conversadores e desatentos.

Enquanto isso na turma de 2ºano, justificado pela mesma questão da pandemia, apresentavam atraso e perda de muito dos conteúdos necessários, o que resultou na aprendizagem e mentalidade deles, que devido ao isolamento social apresentavam comportamentos de alunos do 9ºano e não de 2ºano. E a situação ficava mais complicadas devido a necessidade de revisões profundas que destacavam a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com realização no penúltimo mês do ano letivo (novembro). Além da dispersão no momento das aulas, inquietude e desatenção.

Após esse primeiro contato, a visão romantizada da sala de aula foi quebrada e ficou a sensação de despreparo, pois a literatura universitária fornecida, onde autores e escritores discorriam sobre técnicas e métodos de como deveria ser uma aula, na verdade, foi completamente fora do esperado. Essa primeira impressão da sala de aula causou um receio em continuar com a formação, pois tudo na escola parecia estar sem um rumo certo, e principalmente quando mencionado sobre a aprendizagem daqueles alunos e da lacuna existente em sua formação.

Para o encerramento dessa primeira experiência foi produzido um relatório no qual contava com a descrição da instituição, as atividades desenvolvidas, os desafios enfrentados em sala de aula e as soluções encontradas. Correlacionou-se com a base teórica universitária com a prática, evidenciando os aprendizados obtidos, sintetizando o estágio, sua importância e os impactos na formação profissional e no aguardo para o próximo, que seria a regência no fundamental.

#### **4.1.2. Estágio Supervisionado II - Regência no Ensino Fundamental**

Como mencionado anteriormente, a visão romantizada sobre a docência foi rompida no primeiro contato, entretanto, mudou um pouco com o início do estágio supervisionado II, focado na regência no fundamental na mesma escola de observação, porém agora em uma turma de 7º ano. Depois da documentação estar toda encaminhada, recebemos o livro didático da turma, e começamos a planejar a primeira aula. Por se tratar das regiões brasileiras, o conteúdo dessa primeira aula foi a Região Norte seguindo a ordem apresentada no livro. O objetivo específico direcionou a compreender os aspectos demográficos da região norte, identificando quais os fatores socioeconômicos e conhecendo a diversidade cultural da sociedade em questão.

Foi elaborado um plano de aula para a implementação do assunto como os conceitos explicados e os métodos de avaliação. A aula expositiva foi intercalada com a participação dos alunos, com anotações no quadro branco, utilizando o livro com mediador e ao final da explicação uma atividade de fixação.

Na segunda semana, a região Nordeste, seguindo o mesmo plano anterior, onde os objetivos específicos foram direcionados a compreender os aspectos demográficos da região, nesse caso a Nordeste, identificar os fatores socioeconômicos e conhecer a diversidade cultural da sociedade em questão. Com a mesma metodologia tradicional, exposição oral, porém agora com o uso do projetor de slide, para melhor visualizar. Após a discussão um Quiz – jogo de perguntas e resposta para a fixação do conteúdo no qual impulsiona e questiona o que eles aprenderam na aula de uma forma divertida, alegre e interativa.

Na terceira semana de aula a região seguinte foi a Sudeste, seguindo o mesmo protocolo do programa anterior, mudando a atividade do final da aula para um questionário, para assim eles terem material de estudo e revisão para as provas e seminários que aconteceriam no próximo mês. Um ponto curioso acerca dos alunos é que estavam sonolentos e dispersos, o que resultou em mudanças no cronograma da aula, da aplicação do questionário e nas explicações das regiões seguintes.

Nesse dia em especial, contava com a presença da professora responsável pela disciplina de estágio da faculdade, causando perguntas e alvoroço das crianças, mesmo que a presença dela já tivesse sido comunicada anteriormente. A turma aos

poucos despertou, participando da aula com perguntas, colocações, respostas relacionando com suas vivências e nós enchendo de orgulho, pois é o reconhecimento que todo professor gostaria de receber de seus alunos, ainda mais em frente a uma avaliadora, finalizando a aula nesse dia extremamente feliz.

Na penúltima semana, finalização do conteúdo, mais especificamente a parte econômica da região, e seus setores de produção que movimentam a economia. Após a explicação, a atividade foi copiada no quadro e em seguida tempo para a resolução, pois valeria visto. A turma estava tranquila, atenta ao conteúdo, sem conversas paralelas e disposta a receberem o visto que contaria como uma das formas de avaliação no final do bimestre.

Nessa última semana, o plano seguiu o mesmo, agora com as regiões Centro-Oeste e Sul, identificar os aspectos socioeconômicos e compreensão da diversidade sociocultural. Devido a eventos escolares algumas aulas foram canceladas. Com isso, foi necessário sintetizar o conteúdo e colocar duas regiões na mesma semana para que todo conteúdo chegasse a ser aplicado. Isso foi uma dificuldade devido ao tempo de aula da disciplina ser apenas de 2h semanais, e não ter espaço para aplicar a última atividade. Essa quem fez foi a professora supervisora ao assumir a turma novamente.

Mesmo com uma aula resumida, foi possível ensinar o conteúdo de forma clara, mas sucinta. Foi uma das melhores aulas realizadas no estágio pelo conjunto todo de acontecimentos, possibilitaram a esses momentos atribuir um sentimento ainda mais especial. Uma turma ótima de dar aula, questionadores, interativos, dinâmicos, mentes curiosas que desenvolviam bem no decorrer dos conteúdos, bom aproveitamento das aulas ministradas e acompanhamento dos conteúdos de forma fluida e leve em sala de aula um verdadeiro sonho para qualquer professor.

Figura 3: sala de aula (3 a) e regência da aula na turma 7º ano (3 b).

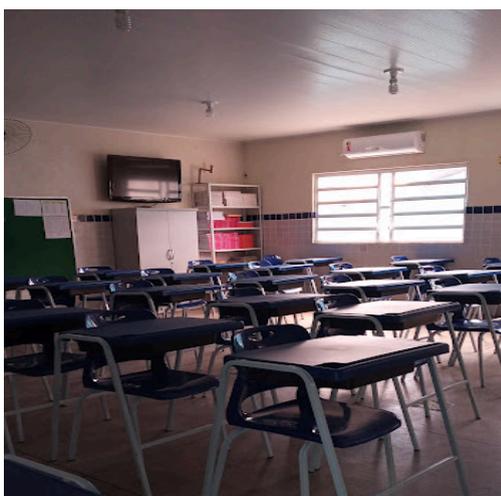
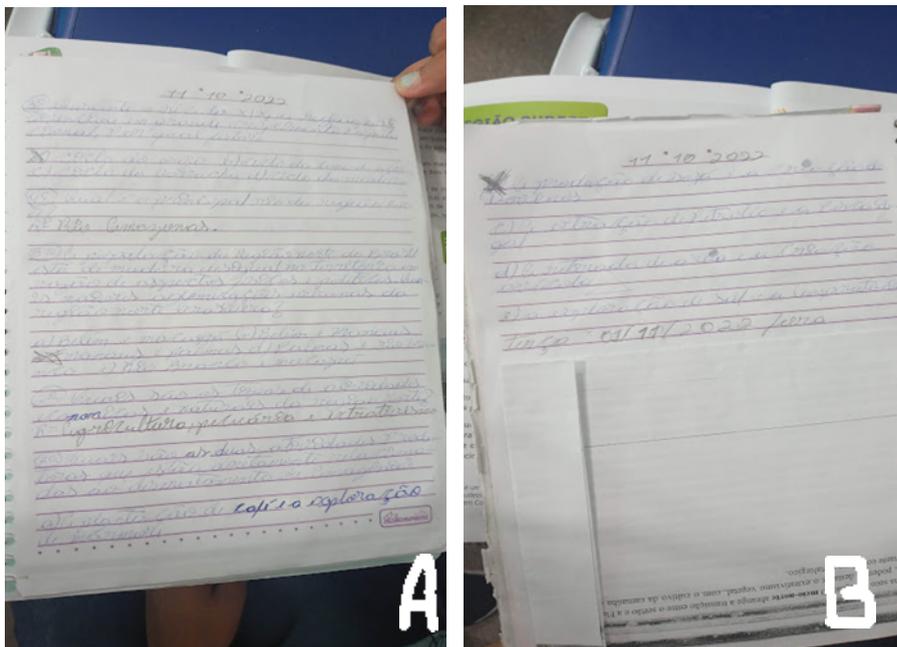


Figura 4: Atividade sobre o conteúdo trabalhado na (4 a) e (4 b).



Fonte: Acervo pessoal, 2022

As imagens são registros da experiência em sala de aula trabalhando o assunto regiões brasileiras com a turma 7. Na primeira é apresentado o ambiente com os itens da sala de aula, a segunda é durante uma explicação sobre a atividade. Nas imagens 3 e 4 é mostrado páginas do caderno de um dos alunos com as atividades.

A partir desse contato e interação positiva o gosto pela docência se apurou, onde a necessidade de melhorar e produzir uma aula com atividades, conteúdos e dinâmicas a cada semana me instigou a melhorar como professora, principalmente ao ver e ter retorno por parte dos alunos, onde é justamente esse retorno que motiva a continuidade na profissão.

Segundo Pimenta e Lima, 2005, é possível visualizar o estágio “como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental”. Ou seja, que através do estágio é possível superar o pensamento tradicional e redundante de que a teoria é mais importante que a prática, mostrando assim que a prática é uma atividade instrumentalizadora de igual importância.

Além disso, essa perspectiva expandida do estágio possibilita que os futuros educadores alcancem uma percepção mais abrangente de sua formação. Ao

visualizar o estágio como um campo de estudo. Os estudantes não apenas colocam em prática os conceitos teóricos adquiridos, mas também se dedicam a uma reflexão crítica sobre sua prática de ensino. Isso promove a formação de um conhecimento que é teoria e prática, incentivando uma educação docente mais sólida e consciente.

Esta compreensão também sugere que o estágio deve ser visto como um local de experimentação e inovação, onde os professores em formação podem explorar diversas metodologias, táticas e estratégias de ensino. Essa possibilidade de experimentação é crucial para que os estagiários construam sua identidade profissional e descubram respostas inovadoras para os desafios que surgem no ambiente escolar. Portanto, o estágio se transforma em um ambiente adequado para o aprimoramento de habilidades cruciais, como a habilidade de adaptação e o pensamento crítico, essenciais para o desempenho de um professor no cenário atual.

#### **4.1.3. Estágio Supervisionado III - Regência no Ensino Médio**

Para que o estágio III pudesse acontecer foram necessários muitos diálogos, principalmente com a diretoria responsável se opondo a realização do mesmo na escola. E como o diretor da escola no qual foi realizado os dois anteriores já havia negado a solicitação, e dentro da cidade são apenas duas escolas que ofertam o ensino médio, com as opções bem limitadas e com o primeiro não, seguido da possibilidade de mais um não. Entretanto, depois de muita conversa a solicitação e o termo de compromisso do estágio foi assinado, podendo assim dar início aos procedimentos para a regência no ensino médio na turma de 1ºano B, com aulas nas segundas-feiras, sendo a primeira do horário vespertino.

Uma regência completamente diferente da anterior, desde a estrutura escolar até mesmo a adaptação. Outro horário, com a turma muito cheia, sem espaço para nada e uma mudança recorrente de alunos de sala, pois se tratava do início do ano letivo de 2023, sendo uma turma de 1º ano. Ainda estavam na fase disposição e composição das salas, devido a isso até o fim da regência havia novos alunos em sala, que infelizmente não acompanhava o assunto da turma, já que a turma B estava à frente das demais.

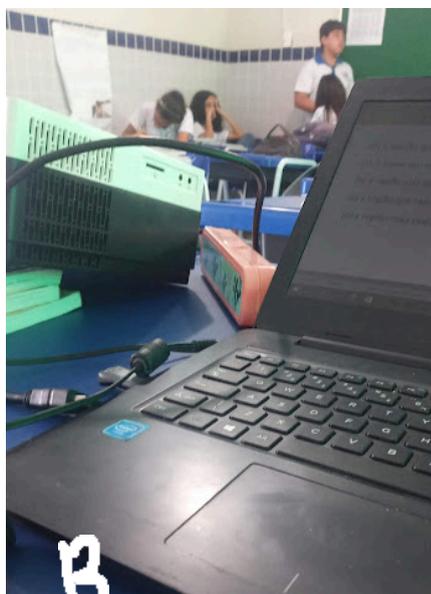
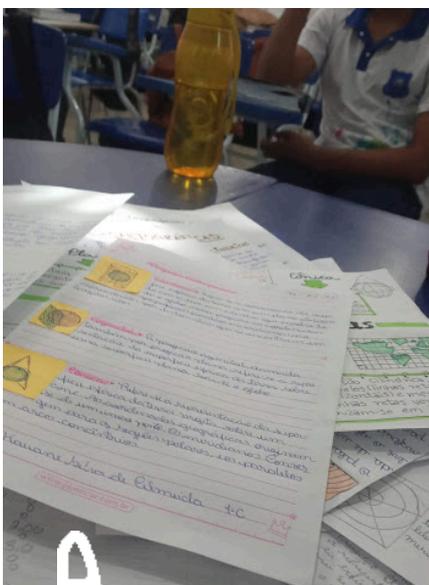
Como parte dos critérios avaliativos, a produção e aplicação de um projeto de intervenção foi parte do planejamento das aulas, realizado nas duas últimas aulas de regência, como uma atividade a ser produzida em casa e entregue na aula seguinte, contando com dois pontos importantes nessa atividade. O primeiro é elaboração do conteúdo trabalhado em sala no papel segundo a visão e compreensão dos mesmos. O segundo é que o material produzido após a correção e registro da nota tal recurso retornaria aos alunos que nos momentos futuros das avaliações seriam fonte de revisão do conteúdo, na figura 5 é apresentado o material produzido pelos alunos.

Figura 5: Trabalho solicitado aos alunos.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 6: Atividade recolhidas na Turma do 1º ano (6 a) e registro durante a aula na (6 b).



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Ao finalizar o período de estágio com a turma ficou sob a responsabilidade do professor responsável a realização de uma aula com revisão para as provas e simulados marcados para a última semana do mês, atribuindo notas as atividades e seminários que cada aluno apresentou e desenvolveu sob minha supervisão e orientação.

O próximo e último estágio é um dos que mais nos instigou, desde a ligação com a própria docência como a superação de desafios e a questão da necessidade de adaptação de planos e aulas.

#### **4.1.4. Estágio Supervisionado IV – Regência na EJA**

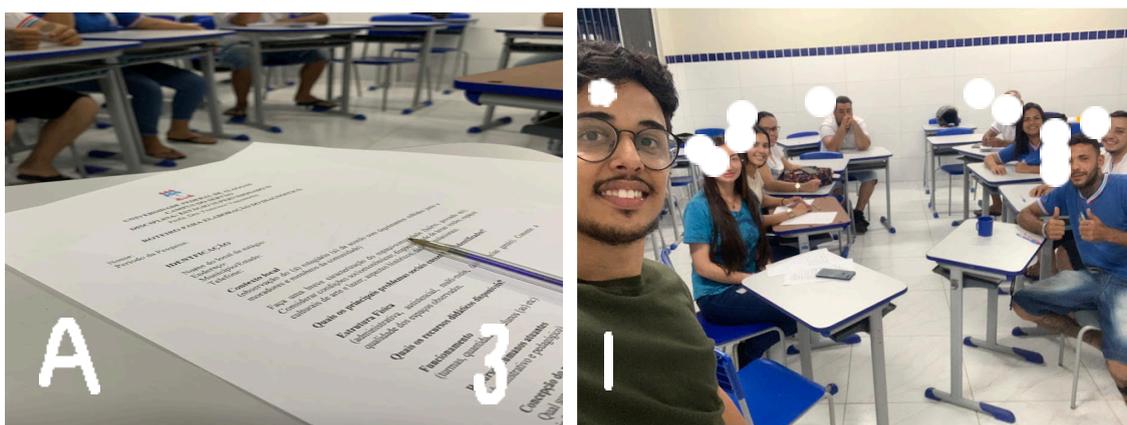
O último estágio foi o mais desafiador, com realização em espaços formais e não formais também. Então além da escola padrão como espaço de aprendizagem foram adicionados outros como associações, sindicatos e grupos. Com essa nova prerrogativa foi sugerido pela professora supervisora que buscássemos um outro espaço para a realização diferente dos anteriores que foram todas escolas. Porém, infelizmente dentro do meu município não foi possível, por não haver retorno de nenhum dos diretores responsáveis contatados. Dessa forma, em acordo com a professora para realizar em outra instituição fora do município, neste caso, no

Colégio Estadual em Paulo Afonso – Bahia, na turma do Programa “tempo de aprender” da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com dois colegas de turma na mesma equipe. A proposta foi uma ação-reflexão-ação sobre projetos pedagógicos desenvolvidos em movimentos sociais. Trabalhando o processo de ação pedagógica, com planejamento e execução de um projeto de aula com intervenção dentro do ambiente escolhido.

Figura 7: Acompanhamento das primeiras na turma tempo de aprender (7 a) e revisão do conteúdo na (7 b).



Figura 8: Roda de conversa para conhecer e introduzir o assunto (8 a) e registro com a turma após a roda de conversa (8 b).



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

O desenvolvimento ocorreu através de oficinas que foram elaboradas após as entrevistas realizadas em meio a um círculo de conversas, com o intuito de conhecer os/as estudantes e a realidade escolar deles, assim pensar na atividade de

intervenção que melhor se aplicasse a eles. Aproveitamos o conteúdo anteriormente passado pelo professor responsável e decidimos fazer dois recursos pedagógicos, o primeiro foi a produção de resumo sobre o assunto de conceitos geográficos. E a segunda foi a produção de um mural com os conceitos principais, no qual necessitava de uma ação prévia de serem selecionadas imagens a escolha deles que relacionassem com os conceitos, levando-as na última aula para a produção do mural.

Como plano alternativo nós separamos imagens caso os alunos não levassem, o que impossibilitaria a produção do mural e foi justamente isso que aconteceu. No dia da aula os alunos não levaram nada, resultando no uso das que nós tínhamos selecionado. A execução foi ótima, com participação de grande maioria dos alunos presentes em sala, na figura 9, inclusive alunos que não tinham aparecido em nenhuma aula anterior.

Figura 9: Produção em equipe dos murais na (9 a) e (9 b).



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 10: Apresentação dos murais pelos alunos na (10 a) e (10 b).



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Foi uma experiência completamente diferente de qualquer outra, por ser direcionada à educação de jovens e adultos, ou seja, alunos que já chegam cansados e enfadados do dia de trabalho, chegam em sala de aula desmotivados, sem conseguir prestar atenção na aula, como uma terceira jornada, mais um compromisso do dia. Segundo Marques e Braga, (2014, p. 75), esses alunos “são sujeitos que já passaram por algum processo de exclusão dentro da escola”, mesmo que no presente momento se encontrava matriculado na educação de Jovens e Adultos, questão essa que pesa para muitos deles no momento de retornarem à sala de aula, principalmente pelo cansaço e as várias responsabilidades da vida adulta no dia a dia.

Além disso, muitos faziam a matrícula somente para conseguir o comprovante com a intenção de entrar no mercado de trabalho, pois ter concluído educação básica é um dos critérios para contratação e possibilidades de melhores salários.

Devido a essa rotina e realidade no ato do círculo de conversa, poucos alunos presentes em sala responderam que a intenção era concluir os estudos, ter seu diploma, vislumbrando a possibilidade de fazer um curso técnico ou faculdade. Ou seja, alguns veem no EJA uma chance de adquirir formação superior e não somente a fundamental e média, buscando uma profissão desejada, um cargo melhor e assim consequentemente uma condição melhor de vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa visa contribuir significativamente para o debate sobre a formação de professores no Brasil, oferecendo percepções valiosas para educadores, instituições de ensino superior e formuladores de políticas educacionais. A eficácia do estágio supervisionado na preparação de futuros professores é um tema complexo e multifacetado. Embora o estágio proporcione uma experiência prática inestimável, permitindo que os alunos apliquem a teoria em um ambiente real de sala de aula, muitos educadores e pesquisadores argumentam que ele representa apenas uma parte do processo formativo.

Apesar de o estágio supervisionado ser um componente essencial da formação docente, ele não é suficiente por si só para preparar efetivamente os futuros professores para os desafios da profissão. A análise das experiências vivenciadas durante os quatro estágios supervisionados revela que, mesmo com uma sólida fundamentação teórica fornecida nas aulas, incluindo métodos, teorias, atividades e seminários, os profissionais em formação ainda se sentem despreparados para atuar em sala de aula. A falta de experiência prática e a dificuldade em aplicar os conhecimentos teóricos em contextos reais sublinham a urgência de uma formação mais abrangente e integrada, que articule teoria e prática de forma mais eficaz.

O debate sobre a inter-relação entre teoria e prática é uma questão recorrente no meio acadêmico, evidenciando a necessidade da coexistência harmoniosa entre ambas para que o processo educativo funcione de maneira eficaz. Nesse contexto, Pimenta e Lima (2010, p. 33) afirmam que a formação “carece de teoria e prática”, destacando que essa interação deve ser de comum acordo. Para que a teoria seja qualificada e aceita, deve passar pela prática, enquanto a prática necessita de uma base teórica; sem essa interdependência, a prática se torna vazia e desprovida de fundamentos. Essa relação demanda um equilíbrio cuidadoso entre o desenvolvimento de ambos os aspectos.

Historicamente, a formação de professores tem explorado a complexa relação entre teoria e prática. As experiências de estágio, conforme evidenciado neste estudo, reafirmam a necessidade de uma aproximação mais estreita entre o conhecimento acadêmico e a realidade da sala de aula. A prática docente envolve habilidades que

vão além da mera aplicação de teorias, incluindo a capacidade de adaptação, flexibilidade e criatividade.

Os contextos relatados pelos entrevistados no terceiro capítulo abrangem três categorias de análise: os desafios enfrentados no estágio, a aplicação do conhecimento adquirido na universidade ao ensino escolar de Geografia e a importância do estágio na identificação com a profissão docente. Os relatos destacam as dificuldades encontradas em sala de aula durante as experiências de estágio supervisionado e as reações dos estagiários frente a cada situação vivenciada.

A experiência do estágio supervisionado revelou-se um divisor de águas na trajetória acadêmica dos estudantes em formação. Ao vivenciar a dinâmica da sala de aula, cada estagiário teve a oportunidade de construir sua própria identidade profissional, confrontando expectativas com a realidade escolar. A aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos, aliada ao contato direto com os alunos, aprofundou a compreensão do papel do professor na sociedade e favoreceu o desenvolvimento de habilidades essenciais para a atuação docente, como planejamento de aulas, gestão da turma e avaliação da aprendizagem.

A partir das experiências relatadas, torna-se evidente a importância do estágio na formação acadêmica e na identificação docente. Essa afirmação é corroborada pelas entrevistas semiestruturadas, que evidenciam o interesse dos discentes em permanecer na docência, revelando que, durante o estágio, encontraram sua identificação na área.

De tal modo, o quarto capítulo trás o relato autorreflexivo da autora, apresentando a experiência do estágio supervisionado, que não apenas possibilitou uma visão prática da profissão, mas também estimulou uma reflexão crítica sobre os desafios e as responsabilidades inerentes ao papel docente, desenvolvimento dos estágios supervisionados em sua graduação de Licenciatura em Geografia. Assim, enfrentando as situações reais de ensino, podem considerar tanto as dificuldades quanto as recompensas da carreira, o que reforçam sua motivação para seguir na docência, bem como os entrevistados que se identificaram na profissão docente.

## Referências

- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 01/2002, de 18 de fevereiro de 2002. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior**, curso de licenciatura, de graduação plena. 2002a.
- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 02/2002, de 19 de fevereiro de 2002. **Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior**. 2002b.
- BRASIL, Universidade Federal De Alagoas. Curso de Geografia - Licenciatura. **Projeto Pedagógico de Curso**. Delmiro Gouveia, 2018.
- CARVALHO, A. M. P. de. **Os Estágios no curso de Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- CAVALCANTI, L. D. S. **Geografia Escolar e a Cidade**. Campinas: Papirus Editora, 2008.
- COSTA, Áurea. **Entre a dilapidação moral e a missão redentorista**: o processo de alienação no trabalho dos professores do ensino básico brasileiro. A proletarização do professor: neoliberalismo na educação, 2009, p. 59-100.
- COUSIN, Claudia da Silva. **O estágio supervisionado em geografia como um locus que problematiza a identidade docente**: narrativas de constituição em roda. In: PORTUGAL, J. F.; CHAIGAR, Vânia A. M. (Orgs.). Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador: EDUFBA, 2015. P. 25-41.
- DAUANNY, Erika Barroso; LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica**. Revista Interdisciplinar Sulear, n. 3, 2019.
- FARIA, Marcelo Oliveira de et al. **Em busca de uma epistemologia da geografia escolar: a transposição didática**. 2012.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2009.
- GOMES, M. de O. et al. **Residência pedagógica**: diálogo permanente entre a formação inicial e a Formação contínua de professores e pedagogos. In: GOMES, M. de O. (Org.). Estágios na formação de professores: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão. São Paulo: Edições Loyola, 2011. P. 15-46.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LÜDKE, M. (coord.). **O estágio nos cursos de formação de professores como uma via de mão dupla entre universidade e escola**. Relatório de pesquisa – Departamento de Educação. Rio de Janeiro: PUC-Rio/FAPERJ, 2008.

LÜDKE, M. **O LUGAR DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**. Educação em Perspectiva, Viçosa, MG, v. 4, n. 1, 2013. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v4i1.410.

LÜDKE, M. **Universidade, escola de educação básica e o problema do estágio na formação de professores**. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 95–108, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011.

MARQUES, Leônidas de Santana; BRAGA, Maria Cleonice Barbosa. **Planejamento pedagógico e realidade curricular no estágio supervisionado em Geografia**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 4, n. 7, p. 70-84, 2014.

NÓVOA, António. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola**. Educação & Realidade, 2019, v. 44, n. 3.

PIMENTA, S. G.. **O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UNIDADE ENTRE TEORIA E PRÁTICA?** Cad. Pesq. São Paulo, n. 94, p. 58-74, ago. 1995.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. **ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES**. Revista Poíesis, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2005/2006.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2010. 5ª ed. (Coleção Docência em formação. Série: saberes pedagógicos).

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão**. Paidéia (Ribeirão Preto), p. 15-30, 1993.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil. *Terra Livre*, São Paulo, n.15, p129-144, 2000.

SANTOS, Maria Francineila Pinheiro Dos. A prática como espaço de investigação. *Anekumene*, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 71–84, 2012. DOI: 10.17227/Anekumene.2012.num3.7518. Disponível em: <https://revistas.upn.edu.co/index.php/aneukumene/article/view/7518>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações**. Autores Associados, 2019.

SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XIX**. Autores Associados, 2017.

SAVIANI, D. **SOBRE A NATUREZA E ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO**. *Geminal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 286–293, 2015. DOI: 10.9771/gmed.v7i1.13575. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13575>. Acesso em: 21 out. 2024.

VALLADARES, Marisa Teresinha R. **Narrativas como passaporte em zonas de fronteiras**: Estágio curricular em Geografia. In: PORTUGAL, J.F; CHAIGAR, V.A.M.(Org.) Ensino e pesquisa em educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 73-96.

## **Apêndice**

Roteiro das entrevistas.

Como foi sua experiência no estágio?

Quais foram os desafios? E Como você lidou com as dificuldades durante os estágios?

Qual foi o momento que mais lhe marcou? E o porquê?

Durante as fases de estágio, chegou a pensar em desistir ou de achar que não era a profissão a seguir? E qual foi o momento que lhe fez seguir em frente e continuar na formação?

Houve dificuldade entre a teoria e a prática em sala de aula? Como reagiu? E o que aprendeu com ela?

Sobre os planos de aula, desde a elaboração, aplicação e avaliação como qual foi a dinâmica e didática usada? Tinha plano B para caso houvesse imprevistos?